

O que é o novo materialismo?

What is the new materialism?

Christopher N. Gamble*

Joshua S. Hanan**

Thomas Nail***

Tradução do original inglês por Igor Viana e revisão de Caio Hoffmann

Resumo: O presente artigo argumenta que atualmente não existe uma única definição do novo materialismo, mas sim, ao menos, três trajetórias distintas e parcialmente incompatíveis. Todas as três trajetórias compartilham pelo menos um compromisso teórico comum: problematizar as orientações antropocêntricas e construtivistas da maior parte das teorias do século XX de modo a encorajar uma posição mais próxima das ciências pelas humanidades. Esse artigo surge a partir do nosso desejo de oferecer uma resposta às críticas, mas não para defender o novo materialismo como um todo. Em vez disso, esperamos ajudar a redirecionar cada flecha da crítica em direção ao seu alvo adequado para, com isso, defender a abordagem que nomeamos do novo materialismo “performativo” ou “pedético”.

Palavras-chave: novo materialismo; performatividade; materialismo antigo; materialismo moderno; materialismo falho.

Abstract: This paper argues that there is currently no single definition of new materialism but at least three distinct and partly incompatible trajectories. All three of these trajectories share at least one common theoretical commitment: to problematize the anthropocentric and

constructivist orientations of most twentieth-century theory in a way that encourages closer attention to the sciences by the humanities. This paper emerges from our desire to offer a response to criticisms but not in order to defend new materialism in general. Instead, we hope to help redirect each arrow of critique toward its proper target, and on this basis to advocate for the approach we call “performative” or “pedetic” new materialism.

Keywords: new materialism; performativity; ancient materialism; modern materialism; failed materialism.

Introdução

A crescente proeminência do “novo materialismo” sinaliza um esforço interdisciplinar cada vez maior para desafiar as suposições de longa data sobre os humanos e o mundo material não humano ou outro que não seja o humano. Esse artigo argumenta que não há atualmente uma definição única do novo materialismo, mas sim pelo menos três trajetórias distintas e parcialmente



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado.

* Department of Communication, University of Washington. E-mail: cng120@uw.edu.

** Department of Communication Studies, University of Denver. E-mail: joshua.hanan@du.edu.

*** Department of Philosophy, University of Denver. E-mail: thomas.nail@du.edu.

incompatíveis¹ que compartilham pelo menos um compromisso teórico comum: problematizar as orientações antropocêntricas e construtivistas da maioria das teorias do século XX de modo a encorajar mais atenção às ciências pelas humanidades.

A motivação comum para esse “giro materialista” é a percepção de uma negligência ou diminuição da matéria na tradição euro-ocidental dominante como uma substância passiva e intrinsecamente desprovida de significação. No que se tornou uma espécie de lema de fato, os novos materialistas rotineiramente enfatizam como a matéria é “viva”, “vívida”, “vibrante”, “dinâmica”, “agente” e, portanto, *ativa*. Como iremos argumentar, no entanto, enquanto os novos pesquisadores materialistas tendem a usá-los de forma intercambiável², tais termos assumem

significados nitidamente divergentes nas três abordagens que identificamos. Da mesma forma, como examinamos abaixo, essa mesma divergência também está subjacente aos novos esforços materialistas para problematizar os binarismos antropocêntricos (por exemplo, “significação e matéria”, “cultura e natureza” e “gênero e sexo”).

Junto à ascensão do novo materialismo foram realizadas também inúmeras críticas. Por exemplo, o novo materialismo foi criticado por exagerar na extensão da acusação de “biofobia” ou de negligência da matéria nos primeiros estudos feministas;³ por rejeitar o marxismo e o materialismo cultural por motivos equivocados;⁴ por abraçar acriticamente e confundir o estudo científico da matéria com a matéria em si mesma⁵; e por exagerar em sua alegada “novidade”⁶. Infelizmente, no entanto,

¹ Novo materialismo “vitalista”, “negativo” e “performativo”. Para três fontes amplamente citadas que definem “novo(s) materialismo(s)”, cf. ALAIMO et al., *Material feminisms*; BENNETT et al., *New materialisms*; TUIN; DOLPHIJN, *New materialism*. As introduções às duas primeiras coleções definem novos materialismos como atendendo às interações entre ontologia e epistemologia, ou matéria e significado, o que negligencia as intra-ações ou emaranhados ontoepistemológicos do novo materialismo performativo (apesar de a primeira coleção incluir capítulos com a abordagem do novo materialismo performativo, escritos por Karen Barad e Vicki Kirby). A introdução da segunda fonte também endossa uma abordagem vitalista. O terceiro livro inclui entrevistas com proponentes de todos os três novos materialismos e, em sua segunda metade, os coloca em uma conversa produtiva uns com os outros a fim de desenvolver um novo materialismo “transversal” que em muitos aspectos abraça uma abordagem performativa. Nenhuma dessas fontes teoriza o que consideramos as principais diferenças entre os novos materialismos performativos, vitalistas e negativos, no entanto, o que é o principal objetivo teórico do nosso artigo.

² Exceto que os novos materialistas negativos tendem a evitar termos como “vivo”, “animado” ou “vital”. Ver, por exemplo, MORTON (*The ecological thought*, p. 28) que diz que chamar a Internet de ‘rede’ é um pouco vitalista demais “[...] para o meu gosto” e prefere, em vez disso, “malha”, que soa menos vitalista.

³ Para a formulação inicial, consultar AHMED, *Open forum imaginary prohibitions*; continuada por SULLIVAN, *The somatechnics of bodily inscription*. Para trabalhos mais recentes, consultar BRAUNMÜHL, *Beyond hierarchical oppositions*; BRUINING, *Interrogating the founding gestures of the new materialism*. Para as respostas às críticas, consultar DAVIS, *New materialism and feminism’s anti-biologism*; TUIN, *Deflationary logic*. Como Davis observa, o trabalho científico feminista que Ahmed cita aborda a relação entre o significado humano e a biologia, o que Barad chama de uma “mistura”, não um “emaranhamento” (pp. 71, 75 n. 5). O primeiro pressupõe uma fronteira pré-existente, discreta e imutável e, portanto, implica em uma lógica “ambos/e” ou “interacional”, enquanto no último caso as fronteiras são mutuamente ou “intra-ativamente” constituídas. Argumentamos que apenas o novo materialismo performativo permite uma explicação inteiramente emaranhada. Para uma crítica recente e importante do “antibiologismo” do feminismo, consultar WILSON, *Gut Feminism*.

⁴ CHOAT, *Science, agency and ontology*; HANDS, *From cultural to new materialism and back*.

⁵ WILLEY, *Biopossibility*.

⁶ Cf. ELLENZWIG; ZAMMITO, *The politics of materialism*, coleção se descreve como “a primeira a perguntar o que há de ‘novo’ no novo materialismo e a colocá-lo em uma perspectiva interdisciplinar”. A maioria dos capítulos responde a essa pergunta de maneira crítica.

essas críticas em grande parte colocaram todos os novos materialistas sob o mesmo guarda-chuva e, portanto, muitas vezes identificaram erroneamente seu alvo. Pelo menos é o que esperamos demonstrar.

Esse artigo surge do nosso desejo de oferecer uma resposta a tais críticas, *embora não para defender o novo materialismo como um todo*. Em vez disso, esperamos ajudar a redirecionar cada flecha da crítica em direção ao seu alvo adequado para, com isso, defender a abordagem que chamamos de novo materialismo “performativo” ou “pedético/indeterminado”. Achamos que essa abordagem tem o melhor valor e potencial para desenvolvimento futuro. Contudo, ela foi mal compreendida e erroneamente confundida com os outros dois tipos emergentes de novos materialismos. Portanto, pretendemos esclarecer como o “novo materialismo negativo”, o “novo materialismo vital” e o “novo materialismo performativo” ou “pedético”, simplesmente não são compatíveis,⁷ pois, ainda que suas motivações sejam semelhantes, suas premissas básicas não o são.

Mais especificamente, embora cada um dos três tipos de materialismo busque criticar a presunção antropocêntrica da matéria como inerentemente passiva e desprovida de significação, argumentamos que apenas a abordagem do novo materialismo performativo subverte radicalmente uma

discreta separação entre humanos e matéria. De maneiras distintas, tanto o novo materialismo negativo quanto o vital continuam a impedir uma apreciação dos movimentos verdadeiramente performativos da matéria. Por um lado, o novo materialismo negativo adota uma divisão radical entre o pensamento humano e a matéria inorgânica ou uma essência “retirada”, ambas as quais pensamos que persistem em sua abordagem devido ao seu abraço acrítico de uma perspectiva externa, qual seja, do observador humano.⁸ Por sua vez, embora o materialismo vital rejeite explicitamente qualquer forma de essencialismo, pensamos que esse mesmo essencialismo consegue se esgueirar de volta por meio de uma metafísica da vida projetada na matéria inorgânica.⁹ De maneira crucial, conforme elaboramos abaixo, novas teorias materialistas não performativas continuam a implicar certos pressupostos ou resíduos objetivistas, não relacionais e, portanto, idealistas.¹⁰

A abordagem performativa do novo materialismo, no entanto, evita com sucesso essa separação discreta ao recusar qualquer presunção de algo externo à matéria – incluindo a significação humana – que orienta, estrutura ou concede significado aos seus comportamentos. Para esse ponto de vista, a matéria simplesmente “é [...] um fazer”, como Karen Barad coloca.¹¹ Matéria é o que se faz ou “como se

⁷ Cf. a nota 1 acima.

⁸ Cf. TAYLOR (*Close encounters of a critical kind*, p. 210) em relação ao teórico da ontologia orientada a objetos, Ian Bogost. Essa crítica é reiterada em LEMKE, *Materialism without matter*.

⁹ LEMKE, *An alternative model of politics*, p. 46 e p. 74, respectivamente: “Para dizê-lo com um vocabulário antiquado: Bennett endossa uma perspectiva ‘idealista’ do materialismo”; “Para ser franco: falta materialidade neste materialismo vital”. Para uma crítica coerente do novo materialismo vital, cf. MEILLASSOUX, *Iteration, reiteration, repetition*, p. 4.

¹⁰ Embora não proponha uma solução (totalmente) performativa para esse problema recorrente, para uma crítica relacionada de como os materialismos têm sido continuamente atormentados e minados por várias idealidades, cf. SALANSKIS, *Some figures of matter*.

¹¹ BARAD, *Meeting the universe halfway*, p. 151, grifo nosso.

move”, como diz Thomas Nail.¹² Assumindo que as performances dos humanos não são externas às do resto do mundo material, essa visão também leva, consideravelmente, a uma compreensão performativa da ciência em que todo ato de observar também constitui, ao mesmo tempo, uma transformação do que está sendo observado. Tal visão possibilita as seguintes respostas às críticas ao trabalho do novo materialismo que mencionamos acima:

- (1) *A negligência da matéria.* Embora concordemos que alguns trabalhos do novo do materialismo involuntariamente reforçam os binarismos que procuram problematizar,¹³ acreditamos que essa crítica não se aplica à abordagem performativa. Por exemplo, quando os adeptos dessa abordagem falam de uma “negligência” anterior da matéria, não querem dizer que os teóricos anteriores não falaram sobre a matéria, mas sim que esses teóricos negligenciaram ou desconsideraram a matéria como *inerentemente dinâmica e significativa* (precisamente devido à presunção antropocêntrica de que significação, e tudo o mais que possa tornar os humanos excepcionais, é imaterial).¹⁴
- (2) *Inveja da ciência.* Embora também concordemos que alguns novos materialistas abraçaram acriticamente a ciência de forma a confundir suas descobertas com a

matéria como tal, de um ponto de vista performativo, as práticas e discursos científicos são tão produtores do próprio mundo que descrevem tanto quanto qualquer outra ação, humana ou diversa. Tal explicação, portanto, concorda com o pós-estruturalismo e os estudos de ciência e tecnologia que todos os discursos humanos são constitutivos. O novo argumento, entretanto (ao menos dentro da tradição euro-ocidental dominante), é o de que esses discursos também são – e apenas – configurações ou performances particulares da *matéria*.

- (3) *O fetiche da novidade.* Embora abracemos totalmente o trabalho de orientação histórica que questiona a alegada novidade do novo materialismo, mais uma vez não concordamos que essa crítica se aplique à abordagem performativa. A matéria sempre esteve em movimento. Mostramos, em outro ponto, como a criatividade desse movimento foi apagada ou excluída da tradição ocidental.¹⁵ Além disso, possivelmente o precursor histórico euro-ocidental mais importante do materialismo performativo é o poeta romano Lucrecio, cujo poema filosófico, de muitas maneiras, está conectado a uma compreensão performativa materialista de Homero.¹⁶ Além disso, também encontramos muito mérito no apelo recente a um maior reconhecimento e envolvimento sustentado com as afinidades (e diferenças) entre um

¹² NAIL, *Being and motion*.

¹³ Cf. a nota 4 acima.

¹⁴ Por exemplo, a afirmação influente de Barad em *Meeting the universe* (p. 132) de que “há um sentido importante em que a única coisa que parece não ter mais importância é a matéria”.

¹⁵ NAIL, *Being and motion*. GAMBLE; HANAN. *Figures of entanglement*.

¹⁶ Cf. NAIL, *Lucretius I* e NAIL, *Lucretius II*. Sobre Homero, cf. GAMBLE, Christopher N. (mestrado em andamento).

“novo” materialismo performativo, como o “realismo agencial” de Barad e as muitas e variadas ontologias dos agentes discutidas na literatura de estudos indígenas, cuja existência, em alguns casos, data de muitos milênios.¹⁷ Portanto, entendemos o materialismo performativo como uma recuperação em uma nova forma de materialismos subterrâneos mais antigos ou amplamente desacreditados ou desprezados e certamente não como uma aparição *ex nihilo*.

O objetivo do presente artigo é esclarecer o que distingue uma abordagem performativa ou pedética/indeterminada do materialismo, demonstrando suas diferenças em relação aos materialismos mais antigos e também em relação a outros novos. O objetivo geral da Parte 1 é, portanto, desenvolver a primeira distinção.

1. Velhos materialismos

Na primeira parte desse artigo, comparamos dois velhos tipos de materialismos: antigo e moderno. Cada um é distinto do outro ao mesmo tempo em que também compartilha uma concepção da matéria como essencialmente passiva, não performativamente constituída e discretamente autocontida. Em tais casos, essa concepção deriva da presunção não performativa e cripto-idealista de que os humanos ocupam de maneira única uma vantagem objetiva radicalmente externa à (ao resto da) matéria que permite que

nós (e apenas nós) acessemos a verdadeira natureza ou essência da matéria.

Materialismo antigo

As raízes do materialismo geralmente remontam ao atomismo pré-socrático e sua modificação posterior por Epicuro. Começamos aqui uma vez que o atomismo antigo fornece uma expressão fundamental não apenas de como o materialismo foi há muito definido, mas também, como discutimos na Parte 3, do que os novos materialistas recuperam e procuram superar em relação a essa descrição antiga ou tradicional. Nessa seção, discutimos, portanto, as características-chave do atomismo antigo – sua explicação ontológica, sua concepção da passividade inerente da matéria e sua presunção dos humanos como observadores externos e objetivos – de uma forma que destaque sua importância para a mudança nos novos materialismos. Ao fazer isso, também fornecemos uma consideração crítica do atomismo antigo a partir de uma perspectiva materialista performativa que acreditamos produzir um conjunto útil de critérios para avaliar novos esforços materialistas, aos quais retornaremos e desenvolveremos mais adiante na Parte 3 a seguir.

Como sabemos, Leucipo e Demócrito argumentaram que toda a realidade consiste em nada além de átomos eternos, minúsculos e indivisíveis movendo-se perpetuamente através do vazio.¹⁸ Logo, tudo, em sua visão – das maiores estrelas até as menores criaturas, incluindo humanos e até mesmo os deuses – é redutível às colisões

¹⁷ ROSIEK; SNYDER; PRATT. *The new materialisms and Indigenous theories of non-human agency*, pp. 331-346.

¹⁸ O vazio dos atomistas, no entanto, difere-se de uma concepção contemporânea de espaço vazio. SEDLEY, *Two conceptions of vacuum*, pp. 175-193.

contínuas e composições e decomposições resultantes de pedaços indestrutíveis de matéria voadora, muito pequenos para serem observados diretamente.

A característica mais importante do atomismo antigo adotada hoje pelos novos materialistas é suposição de que ele é ontológico ao invés de meramente epistemológico. De acordo com o atomismo antigo, os humanos não precisam permanecer presos aos preconceitos ou limitações de suas percepções sensoriais, convenções culturais ou linguagem, sendo capazes, em vez disso, de acessar o ser real: átomos e vazio. E, embora Demócrito oponha o conhecimento “bastardo” dos sentidos à capacidade da mente de fornecer uma verdade “genuína” e confiável¹⁹, ele também afirma que até a mente é, na verdade, constituída apenas de átomos materiais.²⁰ O atomismo antigo, portanto, evita o que Quentin Meillassoux chama de correlacionismo – a visão de que o real é acessível apenas como uma correlação do pensamento humano – uma vez que afirma fornecer acesso ao real em si mesmo.²¹

O que os novos materialistas consideram mais problemático no atomismo antigo, no entanto, é sua concepção da matéria como intrinsecamente passiva. Essa passividade revela uma profunda – e profundamente insatisfatória – ironia no cerne da ontologia atomista: os átomos “produzem” a natureza por meio de suas colisões e combinações resultantes com base em seu número infinito de formas e tamanhos preexistentes. Contudo, os

átomos não exercem nenhuma agência criativa sobre suas próprias produções, uma vez que suas formas e tamanhos são eternos e imutáveis e sua velocidade imediata determinada apenas por sua colisão mais recente. Como, então, poderiam entidades tão completamente desprovidas de agência dar origem a criaturas vivas e pensantes? O atomismo pode se esforçar para responder a essa pergunta apenas por meio de um determinismo completo que priva tudo, inclusive os humanos, de toda e qualquer agência.

Além disso, como alguns novos materialistas reconheceram, apesar de sua enorme variedade, a passividade inerente dos átomos implica também em um universo fundamentalmente aleatório e não criativo.²² Isso quer dizer que os átomos “produzem” apenas por meio de colisões totalmente aleatórias que passivamente realizam possibilidades *preexistentes*.²³ Dessa forma, quaisquer que sejam os compostos que os átomos particulares possam formar, a *totalidade dos compostos possíveis* permanece tão eternamente fixa e imutável quanto as características dadas aos átomos. E, sem dúvidas, embora seja extremamente improvável que tais colisões aleatórias resultassem apenas nesse mundo complexamente organizado que conhecemos, Demócrito argumenta que nosso mundo está, em verdade, longe de ser único. Ao contrário, ele afirma que, assim como há um número infinito de átomos, também há um número infinito de mundos coexistentes, ou *kosmoi*.²⁴ E por causa da aleatoriedade inerente dos átomos, a realização de qualquer *kosmos*

¹⁹ DK 68B6-11.

²⁰ DK 68A28.

²¹ MEILLASSOUX, *After finitude*, pp. 36-37. Meillassoux aborda o epicurismo (“o paradigma de todo materialismo”), contudo o ponto se aplica igualmente a Demócrito.

²² MEILLASSOUX, *After finitude*, pp. 99-101.

²³ Sobre o movimento aleatório dos átomos, consultar DK 67A14, 68A37.

²⁴ DK 67A24, 68A40.

possível, incluindo o nosso, seria, portanto, igualmente provável. Em suma, devido à passividade e fixidez essenciais da matéria, toda a gama de possibilidades cósmicas é predeterminada e imutável, mesmo quando um número infinito de mundos surge e desaparece (aleatoriamente) dentro dela.

Mais tarde, talvez como um esforço para garantir uma medida de agência humana, Epicuro concedeu aos átomos individuais um mínimo de imprevisibilidade espontânea com sua famosa noção de desvio, atenuando, assim, também o determinismo de Demócrito.²⁵ Nessa explicação modificada, embora os átomos geralmente permaneçam ligados a caminhos aleatórios e predeterminados, ocasionalmente um único átomo desviará para um caminho vizinho, potencialmente desencadeando uma cascata de eventos que, bem como o “efeito borboleta” da teoria do caos, pode resultar em cenários enormemente alterados.²⁶

Alguns novos materialistas adotaram uma versão generalizada do desvio epicurista como um meio de entender a matéria como inerentemente criativa e “viva”.²⁷ Outros, no entanto, reconheceram, corretamente, que tal visão, na verdade, continua a reduzir a matéria e a realidade a algo essencialmente não gerador e confinado a uma totalidade

imutável de possibilidades que sempre existiram.²⁸ Embora concordemos com essa última visão, gostaríamos de expor nossas razões para tal concordância em termos explicitamente performativos.

Em resumo, é apenas porque os átomos de Demócrito e Epicuro permanecem inalterados *internamente* em seus movimentos e encontros uns com os outros que a soma total das possibilidades cósmicas também permanece inalterada. Inversamente, conforme elaboramos abaixo, uma compreensão performativa da matéria sustenta que o que a matéria é, em cada escala, é transformado iterativamente por cada novo movimento e encontro, mesmo que ligeiramente. A matéria performativa, portanto, nunca é exaustivamente quantificável, seja em termos aleatórios/determinísticos (demócritos) ou probabilísticos (epicuristas). Em vez disso, as performances iterativas da matéria são sempre parcialmente incalculáveis, porque elas constituem incessantemente novas entidades e/ou relações, gerando também incessantemente novas possibilidades e impossibilidades que ainda não existiam.

Antes de concluir essa seção, uma dimensão não performativa remanescente do atomismo antigo também deve ser observada, algo que acreditamos continuar a ser a presunção mais profundamente arraigada e pouco

²⁵ Cf. SEDLEY, *Epicurus' refutation of determinism*, pp. 11-51.

²⁶ Para uma introdução acessível à teoria do caos, que começa com uma discussão sobre o “efeito borboleta”, cf. GLEICK, *Chaos*. No entanto, deve-se notar que, apesar da semelhança de pequenas divergências resultando em grandes resultados alterados, apenas o desvio epicurista é verdadeiramente espontâneo (ou seja, causado imanentemente e, portanto, irreduzível a quaisquer leis ou forças externas), enquanto o efeito borboleta da teoria do caos é imprevisível simplesmente devido a nossa falta de conhecimento sobre as condições iniciais e sobre as leis naturais que, em princípio, são cognoscíveis (ou seriam para um ser onisciente).

²⁷ Ao perceber o desvio como um “ímpeto vivo intrínseco à materialidade *per se* [...], os materialistas vitais se aliam aos epicuristas”. Cf. BENNETT, *Vibrant matter*, p. 68. No entanto, Bennett critica a “imagem epicurista de átomos individuais caindo ou desviando no vazio” (xi; grifo nosso), enfatizando, em vez disso, a agência composta dos agenciamentos deleuzianos (cf. capítulo 2). Para uma crítica dessa interpretação vitalista de Lucrecio, cf. NAIL, *Lucrecio I*.

²⁸ Cf. nota 22 acima.

examinada de todas. Como o pesquisador do período clássico Daniel W. Graham observou recentemente, o atomismo grego (como a metafísica ocidental em geral) começa com a presunção de que o universo é “um sistema fechado de explicação natural”.²⁹ Essa presunção, ademais, posiciona a nós, humanos – devido à nossa capacidade supostamente única para a razão e a linguagem – como observadores privilegiados e radicalmente externos de um mundo material autocontido que permanece inalterado por nossas observações. Como argumentamos na seção final abaixo, apenas os novos materialistas performativos conseguiram desafiar totalmente essa suposição e, assim, teorizar a significância e a observação humanas em termos totalmente materiais.

Materialismo moderno

O segundo tipo do velho materialismo é o materialismo moderno, que surgiu por volta do século XVI. Assim como o atomismo permitiu o acesso humano ao real metafísico da *matéria* (átomos e vazio), o materialismo moderno permitiu o acesso humano ao real metafísico da *força* para explicar o movimento da matéria. Em ambos os casos, humanos (e apenas humanos) tiveram acesso ontológico ao real, embora o real fosse diferente em cada caso. Os materialistas modernos aceitaram amplamente o materialismo passivo do atomismo grego, mas também invocaram um *poder vital* ativo para explicá-lo.

É um grave erro na história da filosofia que a chamada “era do mecanicismo”

tenha sido considerada uma era de determinismo corporal.³⁰ É verdade que houve um aumento na física materialista e teologias naturalistas no período medieval e no início da modernidade, mas, em última instância, a causa principal do movimento mecanicista da matéria sempre permaneceu uma *força* – um poder metafísico que fazia os corpos se moverem. Em suma, a antiga fórmula de “forma e matéria” foi cada vez mais substituída, no início da modernidade, pela de “força e mecanismo”. Longe de se oporem, então, vitalismo e mecanicismo andaram de mãos dadas durante esse período.³¹ Na visão mecanicista moderna, a natureza foi cada vez mais descrita como composta de “átomos” ou “corpúsculos” discretos cujos corpos se encaixam como as engrenagens de um relógio.³² No entanto, sempre havia alguém (Deus) ou algo (força) dando corda ao relógio e transmitindo o movimento por meio das engrenagens.

A matéria, para os modernos, portanto, não se movia por conta própria, mas era movida por outra coisa: a *força*. Por exemplo, no século XVI, o filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) não só seguiu a mesma formulação do ímpeto divino (força) proposta originalmente no século VI por Filopono (e mais tarde no século XIV por Burdian), como também descreveu a natureza como uma máquina mecânica que operava de acordo com as leis desta força: “as leis da Natureza, que agora permanecem e governam inviolavelmente até o fim do mundo, começaram a vigorar quando Deus

²⁹ GRAHAM, *Explaining the cosmos*, p. 15.

³⁰ Os novos materialistas cometeram um erro semelhante. Cf. WOLFE, *Varieties of vital materialism*, pp. 44-65 e COOLE; FROST, *New materialisms*.

³¹ Para um exemplo de ensaio que opõe vitalismo e mecanicismo, cf. CANGUILHEM, *Aspects of vitalism*, pp. 59-74.

³² DOLNICK, *The clockwork universe*.

primeiro descansou de suas obras e parou de criar”.³³

Deus cria a natureza e então a imbui de força (as leis da natureza) que, assim como o mecanismo de um relógio, se desdobra autonomamente de acordo com a transferência de movimento tensional imposto por esses princípios tão simples. “A *força implantada por Deus nessas primeiras partículas*” constitui toda a “variedade das coisas”, segundo Francis Bacon.³⁴ Deus se exterioriza na forma de partículas atomísticas da matéria, que então, por colisão, produzem toda a natureza seguindo uma força ou ímpeto inicialmente transmitido por Deus. Bacon foi, portanto, um dos primeiros a introduzir uma síntese de teologia, naturalismo e mecanicismo em uma única teoria das relações de força vital. Desse ponto em diante, o mecanicismo quase sempre incluía algum tipo de vitalismo metafísico.

Embora René Descartes defendesse um dualismo muito radical entre matéria e espírito, o que é bem menos levado em conta é o papel crucial que as forças vitais desempenham em sua física.³⁵ Assim como os humanos podem fazer autômatos capazes de vários tipos de movimento, Descartes diz que Deus fez os humanos e a natureza da mesma maneira, embora capazes de movimentos muito maiores. Os movimentos da natureza e do corpo humano, portanto, seguem “tão necessariamente quanto o movimento de um relógio segue o da *força*, posição e forma de seus contrapesos e rodas”³⁶.

Assim como a força motriz de um peso tensional é comunicada por meio do trem de engrenagens, a força de Deus é igualmente externalizada nas e por meio das partes coordenadas da natureza.

Como Descartes, Thomas Hobbes também despojou Deus do controle direto sobre o movimento e não lhe deixou nada além de causalidade eficiente, a partir da qual a natureza então assume suas próprias leis autônomas. Portanto, porque o movimento, para Hobbes, é “uma contínua renúncia de um lugar e aquisição de outro”³⁷, o *início* do movimento de um corpo deve constituir uma *mudança infinitamente pequena* no lugar desse corpo. Essa mudança infinitamente pequena é o que Hobbes chamou de “esforço” ou “força”.³⁸

Enquanto Descartes introduziu a metafísica do *conatus* para explicar a tendência interna e a causalidade externa, Hobbes argumentou que o *conatus* nada mais era do que um “movimento infinitesimal”. Hobbes, assim, tentou ao máximo enterrar a força nos interstícios infinitesimais *entre* os movimentos. No ponto em que Descartes separou explicitamente a determinação do movimento (força) da tendência ao movimento, Hobbes tentou unificá-los. “Esforço”, escreve Hobbes, “deve ser concebido como movimento”, mas não como um movimento quantificado.³⁹ “Pois, o primeiro começo de qualquer coisa é uma parte dela e o todo sendo movimento, a parte (isto é, o primeiro esforço), por mais fraca que seja, também é Movimento”.⁴⁰ Hobbes,

³³ BACON, *A confession of faith*, pp. 49-50.

³⁴ BACON, *On principles and origins according to the fables of cupid and coelum*, p. 648.

³⁵ GARAU, *Late-scholastic and Cartesian conatus*.

³⁶ DESCARTES, *Discourse on method*, p. VI: 50, marcação nossa.

³⁷ HOBBS, *De corpore*, p. 109.

³⁸ HOBBS, *De corpore*, p. 206.

³⁹ HOBBS, *De corpore*.

⁴⁰ HOBBS, *De corpore*, p. 207.

portanto, queria que não houvesse nada além de matéria em movimento. No entanto, ele não atingiu seu objetivo, na medida em que seus pontos de vista ainda recorrem a uma *causa* infinitesimal do movimento, que é diferente do próprio movimento, e que ele chama de esforço, *conatus*, *tendentia* e *appetitus* – e que Deus inicia. Assim, mais uma vez as forças vitais transcendentais prevalecem como a causa do movimento mecanicista da matéria.

O materialismo moderno é assim definido pela *passividade da matéria*, na medida em que a matéria é o que é causado ou movido por outra coisa: forças vitais e causais ou leis naturais do movimento. Como com o materialismo antigo, a matéria novamente não é o que é criativo ou performativo em si. Por meio de uma modificação religiosa, no entanto, a matéria agora é o que é movido por Deus e as leis da natureza que ele finalmente põe em movimento.⁴¹ Além disso, o materialismo moderno, novamente seguindo o materialismo antigo, continuou a tratar a matéria como irredutivelmente composta de corpos simples e partículas ou átomos discretos. Desse modo, apesar de oferecer uma descrição renovada da matéria, o materialismo moderno simplesmente continuou a tendência atomista de tratar a matéria como uma entidade passiva que deve ser animada por algo imaterial e fora do fluxo e movimento da própria matéria: a força.

2. Um interlúdio epistemológico

Nessa parte, discutimos uma orientação teórica que julgamos ser um importante ponto intermediário entre o velho e o novo materialismo. Embora suas

formulações mais recentes delineadas por Jacques Lacan e Judith Butler sejam frequentemente tratadas como materialistas por teóricos contemporâneos,⁴² pensamos que tal tratamento contribuiu para uma grande confusão sobre o que pode ser “novo” sobre as novas teorias materialistas ou sobre como distingui-las. Como esperamos deixar claro, apesar de sua sobreposição parcial tanto com o antigo quanto com o novo materialismo, o materialismo falho não é, de forma alguma, um materialismo em um sentido ontológico. Em vez disso, deve ser entendido como parte da tradição epistemológica, antropocêntrica ou, nos termos de Meillassoux, correlacionista da qual todos os novos materialistas procuram se afastar.

Materialismo falho

Como vimos nas duas seções anteriores, todos os materialismos antigos e modernos negam à matéria qualquer agência autodeterminada sobre suas próprias características ou sobre as leis ou forças externas invariáveis que restringem ou determinam seus movimentos. Da mesma forma, todos esses materialismos compartilham a suposição de que nós, humanos, somos excepcionais, dada nossa capacidade de *conhecer* essas propriedades, leis ou forças fundamentais. Embora o materialismo falho concorde com os velhos materialismos de que a matéria (não humana) é incapaz de tal (auto)conhecimento, o que distingue o materialismo falho deles é sua negação de tal conhecimento (das propriedades, leis ou forças fundamentais) também aos *humanos*, pelo menos em qualquer forma direta ou não-correlacional.

⁴¹ Cf. WOLFE, *Varieties of vital materialism*.

⁴² Para tratamentos materialistas de Butler, cf. BRUINING, *Interrogating* e AHMED, *Imaginary prohibitions*. Para um certo tratamento de Lacan, cf. LUNDBERG, *On missed encounters*, pp. 161-183.

Consequentemente, qualquer tentativa de capturar a matéria e torná-la significativa por meio da matemática, da linguagem humana ou do discurso deve resultar em uma falha parcial ou total.

De maneira crítica, as raízes de uma perspectiva materialista falha podem ser atribuídas a Immanuel Kant, para quem a razão nunca pode compreender perfeitamente as coisas em si (*númenos*). Enquanto os esforços cartesianos e newtonianos para compreender a matéria e sua mecânica de movimento pressupunham uma correspondência um-a-um entre a matemática e a realidade física, Kant restringia esse conhecimento aos limites de uma estrutura ostensivamente universal da razão humana. E assim, embora Kant considerasse a visão mecanicista da matéria desenvolvida por Descartes e Newton a maior conquista da ciência moderna, ele também pensava que eles erraram ao acreditar que esse conhecimento correspondia a uma realidade além do que chamou de “sujeito transcendental”. Desse modo, Kant avançou o que Meillassoux chama de “correlacionismo”, que afirma que “só temos acesso à correlação entre pensar e ser, e nunca a um termo considerado separado do outro”.⁴³

Embora não seja bem uma forma de materialismo falho, dado que para Kant a realidade consiste em última instância de *númenos* imateriais, o correlacionismo de Kant, no entanto, preparou o palco para as várias teorias construtivistas e materialistas falhas que se seguiram devido à sua afirmação de uma descontinuidade radical entre a realidade, de um lado, e a “realidade”

construída que nós, humanos, podemos conhecer ou acessar, de outro. E, essencialmente, substituindo os *númenos* imateriais de Kant por um real material, as teorias subsequentes permanecem igualmente correlacionistas e, portanto, igualmente epistemológicas em suas orientações em relação à matéria. De muitas maneiras, o construtivismo e o materialismo falho passaram a dominar a filosofia dos séculos XIX e XX. Dadas as possibilidades de abordagem no espaço desse artigo, e em razão da sobreposição parcial entre o materialismo falho e os novos materialismos especificamente já ter levado a muita confusão, restringimos o restante dessa seção a uma discussão de duas figuras-chave do materialismo falho, a saber, Jacques Lacan e Judith Butler.

Por meio de suas inflexões fenomenológicas, psicanalíticas e estruturalistas particulares de Kant e outros, Jacques Lacan argumentou que a aquisição da linguagem confere aos seres humanos uma subjetividade essencialmente fragmentada, o que poderíamos chamar de sujeito humano *manqué*. Ocorrendo por meio de seu “estágio do espelho”,⁴⁴ a aquisição da linguagem culmina nos registros tripartidos Real-Imaginário-Simbólico da subjetividade humana que Lacan notoriamente representa como três anéis borromeanos sobrepostos.⁴⁵ Nessa descrição, o Imaginário marca a imagem (*imago*) do sujeito inteiro ou unificado que é distinto de nossa, desde de sempre já fragmentada, subjetividade, bem como um tipo mínimo de consciência dessa distinção. Apenas por meio da linguagem (o Simbólico), entretanto,

⁴³ MEILLASSOUX, *After finitude*, p. 5.

⁴⁴ LACAN, *The mirror stage as formative of the function of the I as revealed in psychoanalytic experience*, pp. 119-126.

⁴⁵ LACAN, *Rings of string*, pp. 123-136.

registramos essa distinção em um nível mais consciente, o que constitui, ao mesmo tempo, nosso auto-reconhecimento com base no erro-de-reconhecimento ou na *meconnaissance*. O Real, por sua vez, atua como a última condição capacitadora para esse mecanismo, uma vez que é figurado – retroativamente, de dentro da linguagem – como um domínio pré-imaginário, pré-simbólico, de inteireza e plenitude absolutas que agora permanece perdido irrevogavelmente.

Uma vez que, no relato de Lacan, o domínio da linguagem ou do Simbólico não é simplesmente um dado, mas é constituído apenas pela falha em (re)capturar aquilo que para sempre o escapa e o ultrapassa (o Real), a subjetividade humana emerge como muito mais instável e, portanto, historicamente mais mutável e contestável do que era para Kant. Não obstante, um resíduo antropocêntrico não-histórico continua a assombrar e estruturar a subjetividade lacaniana, na medida em que o significado permanece um campo de ação exclusivamente humano cujo limite – absolutamente incontestável – é marcado pelo próprio Real material não linguístico. Em outras palavras, como aquilo que precede o Simbólico e do qual derivamos nossos corpos biológicos, o Real é um domínio de plenitude e totalidade apenas em virtude de sua *absoluta falta* ou *ausência* de significado (sempre fraturado).⁴⁶ Além disso, dado a falocêntrica associação lacaniana do Simbólico com a “Lei do Pai” e do Real com a “Mulher”, mulheres e outros grupos historicamente marginalizados permanecem confinados a uma lógica de

deficiência que é tão essencialista, a-histórica e incontestável quanto em Kant.

No que é, talvez, a versão mais sofisticada do materialismo falho, Judith Butler desenvolve uma alternativa performativa para Lacan.⁴⁷ Na verdade, vários estudiosos até mesmo insistem que não há nada no novo materialismo que já não esteja em Butler.⁴⁸ O objetivo de Butler, mais especificamente, é mostrar como a falha do discurso em capturar a matéria nunca é absoluta, mas em vez disso, é um processo contínuo de “citacionalidade iterativa” que nunca é total ou definitivamente estabelecido.⁴⁹ Com cada nova falha (parcial) em capturar a matéria, então, o discurso constitui a identidade humana de novas maneiras. Assim, a matéria não possibilita a formação do discurso apenas por sua ausência *absoluta* ou *irrevogável*, como em Lacan, mas desempenha um papel *mutável* e *dinâmico* por meio de suas exclusões sempre parciais e particulares. Segundo Butler, essas “exclusões constitutivas”⁵⁰ se manifestam – dentro de um determinado discurso – como identidades humanas abjetas ou não normativas. E são, portanto, precisamente essas identidades não normativas que abrigam o maior potencial para rearticular discursos de novo, abrindo e encerrando, continuamente, novas possibilidades de contestação de identidade.

Podemos ilustrar as importantes contribuições e limitações da descrição performativa de Butler da materialização do significado, retornando brevemente aos anéis borromeanos. Na versão de Lacan dessa imagem, as fronteiras entre os três

⁴⁶ Como diz Lacan, “a falta da falta faz o real”. LACAN, *The seminar of Jacques Lacan*, p. ix.

⁴⁷ BUTLER, *Bodies that matter*.

⁴⁸ Cf., por exemplo, AHMED, *Imaginary prohibitions*, p. 33; BRUINING, *Interrogating*, p. 39.

⁴⁹ BUTLER, *Bodies that matter*, pp. 11-14.

⁵⁰ BUTLER, *Bodies that matter*, p. 141.

domínios são totalmente estáticas, imóveis e incontestáveis. A separação discreta entre matéria e significado é completa e definitiva. Na versão de Butler, em contraste, os anéis de Discurso e Matéria estariam perpetuamente em movimento, engajados em um processo performativo contínuo de negociação sobre onde exatamente a linha de fronteira entre eles é traçada.⁵¹

Apesar desta importante diferença, a teoria da matéria de Butler ainda é fundamentalmente definida e impulsionada por uma falha – ou seja, pelo fracasso perpétuo e contínuo do discurso humano na tentativa de sempre capturar total ou completamente a matéria. Embora a localização específica da linha divisória entre a matéria e o discurso esteja sempre mudando, Butler continua a presumir que essa mesma linha divisória deve continuamente ser traçada em algum lugar. Em outras palavras, Butler continua a presumir que realmente existe uma divisão ontológica pré-existente e imutável entre o discurso humano e a matéria, como domínios. Como Vicki Kirby coloca, a matéria como tal “é tornada indizível e impensável no relato de Butler, pois a única coisa que pode ser conhecida sobre ela é que excede a representação”.⁵² E assim, na interpretação de Butler, a matéria é “constitutiva” ou “ativa” apenas em virtude de sua recalcitrância, isto é, apenas na medida em que *resiste passivamente* a ser capturada por aquilo

que essencialmente não é matéria (isto é, discurso humano).

3. Novos materialismos

O que, então, há de “novo” no novo materialismo? O consenso geral parece ser que o novo materialismo abraça um realismo não antropocêntrico baseado em uma mudança da epistemologia para a ontologia e no reconhecimento da atividade intrínseca da matéria.⁵³ No entanto, acreditamos que a natureza da relação entre esses termos foi amplamente mal compreendida. Ao contrário da suposição comum, nem um foco ontológico nem um reconhecimento da atividade da matéria implicam necessariamente um ao outro. Nem são suficientes, sozinhos ou juntos, para fornecer uma saída de emergência do antropocentrismo – como esperamos que as Partes 1 e 2 tenham ajudado a esclarecer. Embora uma mudança para a ontologia evite o correlacionismo e seja certamente algo “novo” em comparação com o materialismo falho ou pós-estruturalismo em geral, tal mudança poderia simplesmente marcar a recuperação de um materialismo como o atomismo antigo. Isso não é menos verdadeiro, além disso, se a concepção passiva do atomismo da matéria for meramente substituída por uma concepção ativa que ainda posiciona os humanos (totalmente materiais) como observadores objetivos externos e excepcionais de um real material.⁵⁴ No

⁵¹ Cf. KIRBY, *Telling flesh*, p. 101-128 para uma leitura brilhante e incisiva crítica de Butler a partir de uma nova perspectiva materialista performativa, à qual nosso próprio relato deve profundamente.

⁵² KIRBY, *Judith Butler*, p. 70, grifo nosso.

⁵³ Esse é, de fato, o caso de acordo com os capítulos introdutórios das três coleções editadas (já amplamente citadas) sobre o novo materialismo, referenciadas na nota 1, não obstante as diferenças entre elas, também já apontadas.

⁵⁴ Adotando o que Angela Willey chama de “disposição amiga da ciência”, esse novo trabalho materialista endossa descobertas científicas recentes, supostamente estabelecendo a verdadeira natureza da matéria como dinâmica e ativa ao invés de passiva; cf. WILLEY, *Engendering new materializations*, pp. 131-153. Como Willey (*Engendering new materializations*, p. 149) corretamente observa, tal disposição “opera como uma agenda neo-positivista que, em última análise, consolida a

que segue na Parte 3, argumentamos que tanto o novo materialismo vital quanto o negativo preservam, de fato, o excepcionalismo humano a esse respeito.⁵⁵ Somente a ontoepistemologia do novo materialismo performativo, argumentamos, problematiza o excepcionalismo humano em todos os níveis. Conforme abordamos no final da seção da performatividade, isso não torna tal abordagem radicalmente “nova”, o que perpetuaria uma descrição não performativa da novidade. Na verdade, o que achamos mais novo e atraente no “novo” materialismo performativo (em relação à tradição euro-ocidental dominante) é que ele permite a recuperação de muitas ontologias antigas, subterrâneas e não ocidentais.

Novo materialismo vital

De longe, o tipo mais predominante de novo materialismo é provavelmente o novo materialismo vital, tanto que tende a ofuscar e absorver diferenças importantes entre si e os outros dois tipos – como veremos.

Historicamente, o novo materialismo vitalista emergiu da leitura que Gilles Deleuze fez nos anos 1960 da teoria do *conatus* de Baruch Spinoza (e em menor grau de Leibniz).⁵⁶ Deleuze primeiro se

voltou para Spinoza e Leibniz porque, em contraste com outros materialistas modernos, Spinoza e Leibniz pensavam que toda a natureza era definida principalmente por um poder ou força vital imanente. Para Bacon, Descartes, Hobbes e Newton, por exemplo, a força vital era algo distinto da mente ou da matéria e, portanto, permanecia extrínseca a elas, frequentemente na forma de Deus ou de leis naturais deístas. Em Spinoza e Leibniz, porém, a força era imanente à matéria, porque a matéria nada mais é do que uma expressão da própria força.

De acordo com Spinoza, Deus expressa seu poder por meio do *conatus* das coisas singulares e determinadas, que simultaneamente expressam o poder de Deus de ser e agir. Juntos, os dois expressam o mesmo *conatus*:

Coisas singulares são modos pelos quais os atributos de Deus [pensamento, extensão e outros desconhecidos para nós] se expressam de um certo e determinado jeito, isto é, coisas que expressam, de uma forma certa e determinada, o poder de Deus [*Dei potentiam*], através do qual Deus é e age [...] Portanto, tanto quanto pode, e está em si mesmo, ele se esforça [*conatur*] para perseverar em seu ser.⁵⁷

Em vez de implantar um conceito de *conatus* sem dar a ele um lugar formal em sua filosofia, como fez Descartes, ou de tentar enterrar os poderes causais nos

autoridade de dizer o que somos e poderíamos nos tornar em formas disciplinares científicas de conhecimento”.

⁵⁵ Coole e Frost aceitam explicitamente uma estrutura “compatível” com (uma compreensão não performativa das) ciências centradas no ser humano (*New materialisms*, p. 5). Meillassoux concede apenas aos humanos pensantes acesso objetivo à realidade – cf. DOLPHIJN; TUIN, *New materialism*, p. 81. Por fim, vale a pena mencionar que Bruno Latour, por nossa definição, é um novo materialista, porque é um realista não antropocêntrico. Ele tem uma ontologia relacional como os materialistas vitalistas, mas não usa o termo “vital”. No entanto, sua visão difere do materialismo performativo porque ele sustenta que somente os humanos têm uma capacidade simbólica de representar o mundo material, que é, portanto, distinta daquele mundo. Para uma avaliação e crítica maravilhosamente matizada de como a visão de Latour acaba exigindo “um escriba humano para se representar”, cf. KIRBY, *Quantum anthropologies*, pp. 79-88.

⁵⁶ Isso é verdade mesmo que alguns não concordem que o próprio Deleuze era um materialista. Como Coole e Frost (*New materialisms*, p. 9) observam, “Gilles Deleuze, cujo trabalho foi influente em grande parte da nova ontologia, não se considerava um materialista, apesar de seu empirismo radical e de algumas descrições evocativas de materialização”.

⁵⁷ SPINOZA, *Ética*, Livro II, Postulado 6.

interstícios infinitesimais da matéria em movimento como fez Hobbes, Spinoza elevou *conatus* ao nível ontológico mais alto: Deus e/ou natureza, *deus sive natura*. A ontologia de Spinoza é, portanto, uma ontologia de poder imanente ou do *conatus*. Com isso, ele torna explícito o que já era essencial e primordial em Descartes – a força interna, o esforço e o poder de todas as coisas materiais – e o eleva ao infinito.

Em *Specimen Dynamicum* (1695), Leibniz chega a reduzir o movimento, o espaço e o tempo a construções mentais irrealizadas derivadas da força da substância: “espaço, tempo e movimento têm algo semelhante a uma construção mental [*de enterationis*] e não são verdadeiros e reais *per se*, mas apenas na medida em que envolvem os atributos divinos de imensidão, eternidade e atividade ou a força das substâncias criadas”.⁵⁸

As únicas coisas reais para Leibniz, então, são as relações de força. O movimento só é real na medida em que é “uma força que luta pela mudança. O que quer que haja na natureza corpórea além do objeto da geometria, ou extensão, deve ser reduzido a esta força”.⁵⁹ Portanto, conclui Leibniz, a força é o que é real e absoluto, e o movimento (e a matéria) simplesmente pertence a uma subclasse de fenômenos relativos.

Hoje, novos materialistas vitais adotaram essa tradição em uma tentativa de ir além dos antigos e modernos tratamentos materialistas mecanicistas da matéria como o objeto passivo de forças externas (naturais ou divinas) e do antropocentrismo dos materialistas falhos. Por exemplo, Jane Bennett, a

fonte pós-deleuziana que é provavelmente a proponente mais citada nessa abordagem, chama explicitamente a atenção para esta diferença:

O que estou chamando de afeto impessoal ou vibração material não é um complemento espiritual ou “força vital” adicionada à matéria que dizem abrigá-lo. O meu vitalismo não é um vitalismo no sentido tradicional; eu igualo afeto com materialidade, em vez de propor uma força separada que pode entrar e animar um corpo físico. Meu objetivo, novamente, é teorizar uma vitalidade intrínseca à materialidade como tal, e separar a materialidade das figuras de substância passiva, mecanicista ou divinamente infundida. Essa matéria vibrante não é a matéria-prima para a atividade criativa dos humanos ou de Deus.⁶⁰

Seguindo Spinoza e Leibniz (e Deleuze), a matéria, para Bennett, nada mais é do que as relações de forças como tais. Como Diana Coole e Samantha Frost argumentam, há “um excesso, força, vitalidade, relacionalidade ou diferença que torna a matéria ativa, autocriativa, produtiva, imprevisível”.⁶¹ Variações dessa visão aparecem em diversos novos filósofos materialistas vitais e em discussões de coisas como “pré-acelerações”, “matérias vibrantes”, “forças virtuais” e “afetos”.⁶² Uma grande diferença entre o antigo materialismo e o novo materialismo vital é, portanto, a ontologização de uma atividade imanente de forças vitais sem a passividade mecanicista da matéria atômica. A matéria vital não é, portanto, nem determinística, deística, naturalista, nem epistemológica. A matéria vital não é algo construído pela consciência humana, linguagem ou estruturas sociais – nem é algo que permite sua construção por meio de sua falha em capturá-la

⁵⁸ LEIBNIZ. *Specimen dynamicum*, p. 445.

⁵⁹ LEIBNIZ. *Specimen dynamicum*, p. 436.

⁶⁰ BENNETT, *Vibrant matter*, p. xiii.

⁶¹ COOLE; FROST, *New materialisms*, p. 9.

⁶² BENNETT, *Vibrant matter*, p. xiii; MANNING, *Relationscapes*.

totalmente – mas é realmente e de fato criativa em si mesma.

O problema é, contudo, que o novo materialismo vital não é tanto sobre o *materialismo* quanto é sobre as *forças* de um *vitalismo* ontológico. Elizabeth Grosz parece ser uma das poucas materialistas vitais que reconhece o vínculo íntimo entre o materialismo e o idealismo na nova tradição vitalista. “Com o surgimento do chamado novo materialismo”, escreve Grosz, “talvez seja necessário chamar simultaneamente à existência um novo idealismo”, porque “a releitura de Espinosa por Deleuze é responsável por um ‘novo idealismo’” também.⁶³ Portanto, escolher chamar o vitalismo de “materialista” ou “idealista”, em última análise, equivale a uma estratégia retórica baseada em outra coisa, como Leibniz já deixou explicitamente claro: uma ontologia de forças, não da matéria.⁶⁴

Se toda a matéria é ativa a ponto de ser despojada de passividade, como pode a matéria agir sem um objeto sobre o qual agir? Esse vitalismo afirmativo, portanto, corre o risco de “achatar” a multiplicidade de práticas materiais em uma ontologia vaga e plana da força *em geral*. Como N. Katherine Hayles argumenta, o novo materialismo vitalista tende a ser extremamente “impreciso sobre a natureza da ‘força’ e não consegue distinguir entre diferentes tipos de forças, embora esses tipos de distinção tenham sido extensivamente investigados em vários campos científicos”.⁶⁵

Ontologias vitalistas planas são adicionalmente problemáticas porque optaram por ontologizar apenas o lado historicamente dominante do binarismo vida/morte (vida, atividade, agência). Se morte, passividade e receptividade literalmente *não têm existência* e *não têm lugar* na “ontologia plana” da vida, isso tem consequências conceituais e políticas perigosas, que foram notadas por vários críticos.⁶⁶ Conceitualmente, o novo materialismo vitalista simplesmente não pode explicar a relação emaranhada entre vida e morte, atividade e passividade. Politicamente, não pode evitar o privilégio historicamente enraizado da vida sobre a não-vida e as implicações que esse privilégio teve na exploração e expropriação de corpos humanos e não humanos associados à não-vida.⁶⁷

Finalmente, a ontologia da força leva a uma visão não performativa da matéria porque, para Bennett, as coisas possuem “uma certa força vital”⁶⁸ antes de entrar em conexão performativa. “Em outras palavras”, como Thomas Lemke corretamente observa, “há uma força vital antes e além dos agenciamentos que pertence às entidades individuais agenciadas, independentemente das relações em que entram”.⁶⁹ Mas se a força precede as relações materiais, então ela simplesmente não pode ser as *intra-ações* performativas das próprias relações. Consequentemente, o novo materialismo vital permanece numa posição profundamente metafísica, a-histórica e apolítica.

⁶³ GROSZ, *The incorporeal*, p. 13.

⁶⁴ Cf. NAIL, *Being and motion*, pp. 309-319.

⁶⁵ HAYLES, *Unthought*, p. 80.

⁶⁶ Para um exemplo dessa crítica, cf. CHOAT, *Science, agency, and ontology*.

⁶⁷ CHEN, *Animacies*; WEHELIVE, *Habeas viscus*.

⁶⁸ BENNETT, *Vibrant matter*, p. 24.

⁶⁹ LEMKE, *Alternative model of politics?*, p. 41.

Novo materialismo negativo

O segundo tipo de novo materialismo é talvez o mais estranho. O que estamos chamando de “novo materialismo negativo” aqui é a teoria segundo a qual a matéria é *não relacionalmente externa ao pensamento*. Chamamos isso de “negativo” porque nega a relação entre pensamento e matéria. Essa abordagem resulta, portanto, da combinação bastante surpreendente/interessante do racionalismo do antigo materialismo e a descontinuidade do materialismo falho. As duas principais tradições do materialismo negativo que examinaremos aqui são o “realismo especulativo” e a “ontologia orientada aos objetos”. Embora os dois discordem fundamentalmente, ambos compartilham um compromisso com a não relacionalidade do pensamento.

No realismo especulativo de Quentin Meillassoux,

O materialismo se sustenta em duas afirmações-chave: 1. O Ser é separado e independente do pensamento (entendido no sentido amplo de subjetividade), 2. O pensamento pode pensar o Ser. A tese número 1 se opõe a qualquer antropomorfismo que busque estender atributos subjetivos ao Ser: o materialismo não é uma forma de animismo, espiritualismo, vitalismo, etc. Afirma que o não pensamento realmente precede, ou pelo menos pode em direito preceder o pensamento, e existe fora dele, seguindo o exemplo dos átomos epicuristas, desprovidos de qualquer subjetividade e independentes de nossa relação com o mundo. A tese número 2 afirma que o materialismo é racionalismo.⁷⁰

Para Meillassoux, a matéria é independente do pensamento e, no entanto, são precisamente o pensamento e a racionalidade que podem pensar a matéria em seu ser radicalmente não-relacional. Meillassoux reconhece o atomismo grego como ontológico, mas rejeita sua afirmação de que os átomos e o vazio são *necessariamente* os elementos últimos da realidade.⁷¹ A matéria, para Meillassoux, é *necessária* e radicalmente *contingente* e, portanto, capaz de produzir absolutamente tudo em qualquer momento, até mesmo Deus.⁷²

Embora Meillassoux tenha o cuidado de não confundir o pensamento científico e matemático da matéria com o pensamento humano, ele também diz que nenhum outro ser conhecido é capaz de pensar – o que surgiu *ex nihilo* nos humanos. A matéria não pensante existia antes dos humanos e, de repente, o pensamento emergiu de forma não relacional da matéria não pensante. O materialismo de Meillassoux é, portanto, baseado em uma espécie de dualismo ontológico milagroso e inexplicável entre matéria e pensamento, sem nenhuma demonstração de como um poderia emergir do outro.⁷³ O que ele chama de “Hipercaos” do ser é uma consequência direta dessa filosofia profundamente não relacional.⁷⁴ Se o ser não é relacional, ele pode se tornar qualquer coisa, incluindo Deus. Mas se o ser é tão radicalmente contingente que pode até

⁷⁰ DOLPHIJN;TUIN, *New materialism*, p. 79.

⁷¹ Para Meillassoux, a única necessidade absoluta é a contingência radical da realidade, que, segundo o autor, é revelada apenas pela “clareza luminosa da inteligência”, não pelos sentidos (*After finitude*, p. 91). O racionalismo dos atomistas se perde, então, porque começa, em vez disso, com observações empíricas enraizadas no raciocínio “bastardo” dos sentidos. Para a crítica direta de Meillassoux ao atomismo, cf. p. 36, 51 e 99-101.

⁷² Cf. MEILLASSOUX, *The immanence of the world beyond*, pp. 444–478.

⁷³ Sobre como “o princípio da contingência pura” permite explicar o “milagre” da emergência “ex nihilo”, como a vida orgânica e senciente a partir da matéria morta inorgânica e o pensamento humano a partir da matéria orgânica, cf. MEILLASSOUX, *Iteration, reiteration, repetition*, p. 14.

⁷⁴ MEILLASSOUX, *Iteration, reiteration, repetition*, p. 11.

mesmo se tornar Deus, por que isso é chamado de “matéria”?⁷⁵

A segunda vertente do novo materialismo negativo é a “ontologia orientada aos objetos” (OOO) – um termo que Graham Harman cunhou e que define um compromisso teórico para pensar o real além da experiência humana da matéria. “O que é real no cosmos”, afirma ele, “são formas envoltas em formas, não partículas duráveis de material que reduzem tudo o mais a um status derivado. Se isso é ‘materialismo’, então é o primeiro materialismo na história a negar a existência da matéria”.⁷⁶ Para Harman, a essência dos seres é se retirar de todos os objetos que os compõem e os pensam. Como tal, o ser nunca é algo antropocêntrico, experimentado ou relacional, mas é algo absolutamente e não relacionalmente “retirado” de tudo mais, como se fosse completamente “lacrado”. Na verdade, essa visão essencialista da identidade como algo radicalmente autocontido é, na verdade, perfeitamente capturada pelos três círculos, zeros ou “O’s” discretos e individualmente circunscritos que se tornaram a abreviatura icônica padrão da teoria. Essa visão também leva Harman a afirmar o que ele chama de “um novo tipo de ‘formalismo’”.⁷⁷

Timothy Morton argumenta da mesma forma contra “algum tipo de substrato, ou algum tipo de matéria informe”⁷⁸ em favor de formas essenciais que excedem infinitamente o domínio humano de construção de significado. Por exemplo, Morton descreve “hiperobjetos”, como o

aquecimento global por exemplo, como “entidades reais cuja realidade primordial é retirada dos humanos”⁷⁹. Para ele, assim como para Harman e Tristan Garcia, os “objetos” em última análise se referem a uma essência infinitamente oculta que nunca se revela, nem parcialmente, em qualquer relação.

O problema crucial disso, de uma perspectiva materialista performativa, é que, uma vez que a essência retirada não é ela mesma relacionalmente constituída, então essa essência nunca muda. Além disso, não vemos nenhuma razão para considerar qualquer filosofia que rejeite a existência da matéria como um “materialismo”. Assim como o vitalismo define a matéria como uma força subjetiva misteriosa que transcende o movimento performativo e relacional da matéria, a OOO define a matéria como uma essência retirada ideal que também transcende o movimento performativo e relacional da matéria.

No fim das contas, pensamos que o novo materialismo negativo não é realmente um materialismo por causa de seu racionalismo firmemente não relacional que separa o pensamento da matéria. Embora seu objetivo sincero seja superar o antropocentrismo e propor um novo realismo, ambas as versões do novo materialismo negativo permitem o pensamento apenas para os humanos e acabam tratando esse pensamento como *imaterial*. Os críticos estão, portanto, certos em notar que o realismo radical e retraído do OOO está muito mais próximo de um tipo de subjetivismo

⁷⁵ Meillassoux descreve seu próprio projeto como “neomaterialista” porque busca superar o subjetivismo e acessar a realidade material diretamente, por meio do pensamento matemático (cf. MEILLASSOUX, *Iteration, reiteration, repetition*, p. 6-7). No entanto, para Meillassoux, a emergência *ex nihilo* do pensamento (e da vida) demonstra que a matéria pode se manifestar de uma maneira radicalmente não relacional – e, portanto, a nosso ver, idealista.

⁷⁶ HARMAN, *Tool-being*, p. 293, grifo original.

⁷⁷ HARMAN, *Tool-being*, p. 293.

⁷⁸ MORTON, *Here comes everything*, p. 177.

⁷⁹ MORTON, *Hyperobjects*, p. 15.

racional do que de uma teoria dos objetos.⁸⁰ Na verdade, o próprio Meillassoux criticou apropriadamente Harman por ser “sujeitalista” e, portanto, também antimaterialista.⁸¹ Ao mesmo tempo, no entanto, Meillassoux aplica o rótulo materialista a si mesmo em parte porque endossa a afirmação dos antigos materialismos de uma exterioridade estrita entre ser e pensamento, uma exterioridade que um materialismo performativo recusa.⁸²

Finalmente, o novo materialismo negativo também tende a privilegiar um cânone ocidental povoado por filósofos homens brancos, trazendo à luz as limitações políticas de sua agenda.

Novo materialismo performativo

O terceiro tipo de novo materialismo é o que chamamos de novo materialismo “performativo”. Até o momento, a abordagem performativa tem sido, infelizmente, ofuscada e confundida com as outras duas. Nesta seção, procuramos diferenciar claramente a teoria performativa das outras – especificamente no que diz respeito à sua explicação da ontologia, da agência e do status da observação humana – a fim de elucidar por que a consideramos a mais promissora. Fazemos isso principalmente por meio de uma discussão do trabalho de Karen Barad⁸³ e Vicki Kirby⁸⁴, que vemos como instrutivo e exemplar de uma abordagem performativa.

De maneiras distintas, como vimos, todos os novos materialismos abraçam uma

mudança da epistemologia para a ontologia. No entanto, todas as teorias não performativas continuam a considerar que a ontologia e a epistemologia existem independentemente uma da outra. Em uma abordagem performativa, em contraste, a ontologia e a epistemologia são inerentemente co-implicadas e se constituem mutuamente. Além disso, essa constituição mútua não requer nem está, de forma alguma, restrita aos humanos.

Barad fornece uma base particularmente atraente para tal visão por meio de sua explicação “intraativa” do “problema da medição” na física quântica. Esse problema surgiu com os famosos experimentos da dupla fenda em que, dependendo do arranjo experimental, a luz (ou átomos etc.) aparece como uma onda ou como uma partícula, apesar de suas propriedades mutuamente excludentes. Embora o debate continue acirrado até hoje sobre a melhor forma de interpretar essas descobertas conflitantes, seus contornos básicos foram amplamente definidos pelas primeiras interpretações de Erwin Schrödinger, Werner Heisenberg e Niels Bohr. A intervenção de Barad nesse debate começa com sua leitura de Bohr como tendo avançado uma interpretação “ôntica” contra as interpretações “epistêmicas” dos dois anteriores. O que Barad apreende como o *insight* ôntico inovador de Bohr, que não tinha sido apreciado anteriormente, é que as entidades simplesmente não existem de forma determinada, separadas dos aparelhos de medição físicos particulares

⁸⁰ LEMKE, *Materialism without matter*; TAYLOR, *Close encounters*.

⁸¹ MEILLASSOUX, *Iteration, reiteration, repetition*, p. 7.

⁸² “Somos materialistas na medida em que obedecemos aos dois princípios que pertencem a qualquer materialismo: o ser não é pensamento, e o pensamento pode pensar o ser” (MEILLASSOUX, *Iteration, reiteration, repetition*, p. 12).

⁸³ BARAD, *Meeting the universe*.

⁸⁴ KIRBY, *Telling flesh*; KIRBY, *Quantum anthropologies*.

que as constituem de uma maneira a despeito de outras.⁸⁵ Inerentemente, então, a luz, como toda matéria, é *indeterminada*. E assim, o que a luz é, como uma entidade (relativamente) determinada, não precede inteiramente – e não é totalmente separável – o aparato físico e material usado para observá-la.

Por meio de uma elaboração cuidadosa e uma radical extensão desse insight, Barad propõe uma descrição “*ontopistemológica*”⁸⁶ da realidade em que as observações nunca simplesmente “revelam valores ou propriedades preexistentes”⁸⁷, mas, na verdade, sempre desempenham um papel na sua constituição. Além disso, enquanto o humanismo de Bohr limitou sua consideração do papel constitutivo da observação aos confins dos laboratórios científicos em que humanos pré-existentes manejam determinadas ferramentas e

tecnologias, Barad explora as implicações para muito além.⁸⁸ Crucialmente, Barad argumenta que, uma vez que não há de fato nenhuma linha de fronteira rígida ou fixa separando até mesmo um laboratório científico do resto do mundo, portanto, os humanos nunca podem observar o universo como se estivessem de fora dele.⁸⁹ Assim, ela argumenta, “[...] na medida em que os humanos participam de práticas científicas ou outras práticas de conhecimento, eles o fazem como parte da configuração material mais ampla do mundo e sua articulação aberta e contínua”⁹⁰. Como tal, os humanos (como tudo o mais) sempre constituem e são parcialmente constituídos por aquilo que observam.

Essa explicação *ontopistemológica*, que ela chama de “*realismo agencial*”, leva a um materialismo completamente “*performativo*”⁹¹ e relacional em que a

⁸⁵ Em contraste, Barad considera a visão de Heisenberg “*epistêmica*”, por exemplo, porque para ele (pelo menos inicialmente) a medição invariavelmente “*perturba*” um objeto medido (por exemplo, a posição ou momento de um elétron), limitando, assim, nossa capacidade de *conhecê-lo*, mas sem também mudar o que ele é; cf. BARAD, *Meeting the universe*, pp. 115-131. Para Barad, então, ao contrário de Meillassoux, a observação da realidade (por humanos ou não humanos) sempre *constitui* parcialmente a realidade. Para uma interpretação extremamente lúcida das implicações filosóficas da física quântica, alternativa à de Barad, que começa por uma apreciação ontológica de Heisenberg, consultar EPPERSON, *Quantum mechanics and the philosophy of Alfred North Whitehead*. Apesar da grande concordância entre suas visões, no entanto, Epperson adota a precisão incomparável da mecânica quântica ao fazer previsões probabilísticas que funcionam apenas sob a suposição de um universo fechado que a matemática pode representar com precisão. O universo de Barad, em contraste, nunca é absolutamente fechado – o mero ato de pensar uma “*representação*” matemática, um ato não menos material do que qualquer outro, é, portanto, suficiente para mudar fisicamente o universo que está sendo representado. Consequentemente, Epperson e Barad apresentam visões incompatíveis sobre a temporalidade. Epperson defende uma assimetria temporal “*absoluta*” na qual as atualizações do passado permanecem estabelecidas para sempre, mas o futuro permanece aberto (pp. 94-97). Em sua discussão sobre os experimentos de “*borracha quântica*”, entretanto, Barad argumenta que, uma vez que mesmo o passado nunca foi um presente totalmente determinado, “*passado*” e “*futuro*” são iterativamente retrabalhados e envolvidos por meio das práticas iterativas espaço-temporais” (p. 315; cf. também pp. 310-317).

⁸⁶ BARAD, *Meeting the universe*, pp. 43-44.

⁸⁷ BARAD, *Meeting the universe*, p. 265.

⁸⁸ Na medida em que Bohr é limitado por tal humanismo, Barad caracteriza sua explicação como “*epistemológica*”.

⁸⁹ Para um exemplo maravilhosamente contundente, consultar a discussão de Barad sobre o experimento Stern-Gerlach, que primeiro demonstrou empiricamente a quantização do espaço. Como Barad discute, o sucesso do experimento não dependeu apenas das performances particulares da matéria e dos aparatos de observação usados para medi-la, mas também da *intra-ação* da performance inconsciente de gênero e classe de Walter Gerlach, que se manifestou no alto conteúdo sulfúrico da fumaça emitida pelos charutos baratos que ele fumava (BARAD, *Meeting the universe*, pp. 161-168).

⁹⁰ BARAD, *Meeting the universe*, p. 342, grifo nosso.

⁹¹ BARAD, *Meeting the universe*, pp. 134-137.

matéria é apenas o que ela faz ou como se move.⁹² Nenhuma propriedade de qualquer coisa discernível, isto é – seja ela caracteres físicos, agência, ou mesmo sua fala ou pensamento –, inteiramente precede ou permanece inalterada por suas ações ou encontros com outras coisas.

Tal explicação, portanto, recusa radicalmente uma ontologia plana em que uma força vital permeia todas as coisas ou permanece inalterada durante as ações de uma coisa. Ao contrário, agência e vitalidade simplesmente não existem à parte de performances intrativas específicas. Uma determinada planta, por exemplo, executa – e, portanto, constitui – sua agência diferentemente de uma rocha ou ser humano em particular. E assim, enquanto o materialismo vital de Bennett pode ser corretamente criticado por apagar qualquer distinção entre coisas orgânicas e inorgânicas,⁹³ ou por um “realismo ingênuo” que imputa uma agência “mais do que relacional” a todas as coisas,⁹⁴ o materialismo de Barad não pode. Além disso, embora a escolha de palavras de Barad tenda a enfatizar a vitalidade ou vivacidade mais do que a morte ou inanimidade, ela afirma diretamente que isso não quer dizer “uma nova forma de vitalismo, mas sim [...] um novo sentido de vitalidade”,⁹⁵ que “torna possível a própria distinção entre o animado e o inanimado”.⁹⁶ Em nítido contraste com Bennett, então, a noção de Barad da vitalidade da matéria não deriva de supostas diferenças essenciais entre a

vida e a morte, *mas é o que performativamente cria essas diferenças*. Por essa razão, de fato, Barad pode reconhecer a morte e a mortalidade até mesmo de partículas quânticas.⁹⁷

Além disso, sem qualquer exterioridade radical entre as coisas, o materialismo performativo recusa qualquer totalidade última ou imutável do que é possível. Em vez disso, uma “indeterminação ontológica”⁹⁸ geradora prevalece no cerne de tal descrição, de modo que, com cada nova performance, as próprias “possibilidades [...] e impossibilidades” do que a matéria pode fazer “são reconfiguradas”⁹⁹, embora sempre por meio de divisões *internas* apenas, ou seja, limites locais determinados por “exclusões constitutivas” específicas e sempre um tanto indeterminadas. Ao contrário das exclusões de Butler, no entanto, as de Barad não resultam da falha do discurso humano em capturar totalmente algo radicalmente fora de si, mas, ao contrário, de um corte ou dobra interno que resolve provisoriamente a indeterminação inerente da matéria de uma maneira particular.¹⁰⁰ E ao contrário da OOO, o que é excluído ou retirado não é, portanto, uma essência imutável, mas também é sempre performativa e relacionalmente constituído e, portanto, novo.

Ao promover um materialismo performativo igualmente convincente e completo, Kirby destaca as consequências teóricas mais amplas de tal abordagem em termos especialmente

⁹² Cf. as notas 11 e 12 acima.

⁹³ CONTY, *The politics of nature*, p. 82.

⁹⁴ HINCHLIFFE, *Vibrant matter*, p. 35.

⁹⁵ BARAD, *Meeting the universe*, p. 177.

⁹⁶ BARAD, *Meeting the universe*, p. 437.

⁹⁷ BARAD, *Transmaterialities*, pp. 387-422.

⁹⁸ BARAD, *Meeting the universe*, pp. 344-45.

⁹⁹ BARAD, *Meeting the universe*, p. 149.

¹⁰⁰ Sobre a avaliação crítica de Barad da noção de “exclusão constitutiva” de Butler, cf. BARAD, *Meeting the universe*, p. 64; sobre o uso que Barad faz desse termo, consultar pp. 135-36.

vívidos e provocativos. Kirby fica impressionada, em particular, com a implicação de que se nós, humanos, somos performances da matéria tanto quanto qualquer outra coisa, então qualquer coisa supostamente excepcional sobre nós deve ser apenas uma inflexão particular de um comportamento totalmente generalizável da natureza. Assim, se os humanos falam, talvez seja porque a natureza já fala, em incontáveis línguas que se proliferam, e, portanto, nos colocaram à existência. E se nós, humanos, lemos e escrevemos, então certamente devemos cogitar a possibilidade, por mais “escandalosa” que seja, de que “a natureza é letrada”, de que “a natureza rabisca ou a carne lê”.¹⁰¹ Encapsulando essa linha de investigação no título de um capítulo de 2008 do livro, ela pergunta: “E se a cultura fosse na verdade a natureza o tempo todo?”.¹⁰²

Ao prosseguir com tais questões em um livro subsequente, Kirby explora essa “humanidade originária” por meio de inúmeras incursões engenhosas em domínios tanto humano quanto outro, examinando, por exemplo, como o relâmpago é um fenômeno não local que está ciente e até mesmo faísca uma conversa com o terreno antes de atacar,¹⁰³ e propondo que os cientistas geológicos são apenas um exemplo particular da prática onipresente (embora sempre específica) da natureza de estudar, analisar, quantificar e prever a si mesma.¹⁰⁴ Ao fazer isso, nós devemos

ênfaticamente que Kirby não tem interesse em achatando a realidade projetando qualquer tipo de equivalente linguístico, cognitivo ou afetivo uniforme de vitalidade em tudo. Em vez disso, ela começa com a premissa de que se não há uma linha de fronteira radical ou absoluta entre as coisas, incluindo entre humanos e não humanos, então os humanos não têm mais monopólio sobre o que conta como inteligência, linguagem ou mesmo investigação científica do que qualquer outra coisa tem. A interpretação de Kirby, portanto, permite uma apreciação da especificidade e variedade infinitamente proliferante de tais noções, uma vez que são incessantemente (re)constituídas por incontáveis performances humanas e não humanas.

Ao buscar as implicações matemáticas desse argumento mais recentemente, Kirby fornece uma resposta performativa materialista extremamente incisiva às visões em última análise não-performativas de Meillassoux sobre a matemática.¹⁰⁵ Curiosamente, como Kirby observa, tanto ela quanto Meillassoux reconhecem a matéria inorgânica como “inerentemente matemática”.¹⁰⁶ Onde eles divergem fundamentalmente, no entanto, é sobre quem ou o que performa ou não matemática. Ao adotar efetivamente a visão científica predominante sobre essa questão, Meillassoux considera a matéria inorgânica matemática apenas na medida em que representa passivamente

¹⁰¹ KIRBY, *Telling flesh*, p. 127.

¹⁰² Em ALAIMO; HEKMAN, *Material feminisms*, pp. 214-236. Mais recentemente, consultar KIRBY, *What if culture was nature all along?*.

¹⁰³ KIRBY, *Quantum anthropologies*, pp. 10-13.

¹⁰⁴ KIRBY, *Quantum anthropologies*, pp. 39-40.

¹⁰⁵ *Matter out of place: 'new materialism' in review*, em KIRBY, *What if culture was nature all along?*, pp. 1-25. É importante notar que a discordância essencial de Kirby com Meillassoux está em conflito direto com a leitura de Dolphijn e Tuin deles. Dolphijn e Tuin, erroneamente, em nossa opinião, encontram uma congruência essencial entre Meillassoux e Kirby por meio da noção de Massumi de “prioridade ontológica”. Cf. DOLPHIJN; TUIN, *New materialism*, p. 174.

¹⁰⁶ *Matter out of place*, p. 12, grifo nosso.

uma natureza fixa e predeterminada. O pensamento matemático, entretanto – a capacidade de fazer matemática ativamente a fim de acessar e representar essa natureza¹⁰⁷ – é, para Meillassoux, uma capacidade exclusivamente humana que surgiu simplesmente milagrosamente, ex *nihilo*.¹⁰⁸

Embora igualmente impressionada pela “eficácia irracional da matemática” em compreender e prever o mundo natural, Kirby chega quase à conclusão oposta.¹⁰⁹ Para Kirby, assim como a linguagem não é exclusiva dos humanos, o pensamento matemático também não o é; tudo pratica a matemática, embora sempre de formas particulares que também servem para (re)definir incessantemente o que é a matemática. Por mais estranha ou absurda que tal visão possa parecer para aqueles condicionados pelo excepcionalismo humano, ela segue diretamente do que pensamos ser a premissa bastante modesta e razoável de que, se os humanos são seres totalmente materiais que fazem matemática, então a matéria faz matemática.¹¹⁰ E, de fato, de que outra forma a natureza poderia ter produzido matemáticos humanos se já não fosse matemática? De que outra forma ela poderia ter gerado os próprios princípios que os matemáticos afirmam descobrir? E por que outro motivo, finalmente, esses princípios, apesar de seu inegável sucesso, nunca

conseguem quantificar ou prever *totalmente* a matéria – a menos que a matéria também seja intrinsecamente performativa e improvisada?

Em suma, Kirby promove um materialismo performativo no qual a matéria continuamente se estuda e se reinventa sem qualquer limite externo estrito ou imutável. Ao passo que ela encapsula vigorosamente sua abordagem, ao mesmo tempo que indica sua dívida para com (uma leitura materialista de) Derrida, o argumento de Kirby de que “não há fora do texto” significa, em última análise, que “não há fora da Natureza”¹¹¹.

Finalmente, gostaríamos de observar brevemente a semelhança bastante notável entre os materialismos performativos formulados por Kirby e Barad e as ontologias que encontramos tanto nos épicos homéricos quanto no poema filosófico de Lucrecio, inspirado em Homero, *De rerum nature*. De fato, em um livro recente, Nail defende a leitura de Lucrecio como um novo materialista performativo de pleno direito que, de maneira bastante surpreendente, antecipou com propriedade muitas das novas visões amigáveis aos materialismos mais importantes atualmente emergindo nas ciências naturais, incluindo em física quântica.¹¹² Igualmente surpreendente é a descoberta de Nail de que, ao contrário de como o poema sempre foi traduzido para o inglês, Lucrecio parece

¹⁰⁷ Por exemplo, MEILLASSOUX, *After finitude*, p. 108; MEILLASSOUX, *Iteration, reiteration, repetition*, p. 18.

¹⁰⁸ MEILLASSOUX, *The immanence of the world beyond*, p. 461.

¹⁰⁹ Cf. o capítulo anterior de Kirby intitulado *Enumerating language: the unreasonable effectiveness of mathematics*, em *Quantum anthropologies*, que fornece uma discussão mais ampla, mas igualmente convincente acerca da matemática.

¹¹⁰ Cf., por exemplo, a discussão de Kirby sobre as “capacidades de quebra de código” de bactérias em *Matter out of place*, pp. 5-6. Cf. também NAIL, *Theory of the Earth*, ainda em revisão. Nail também examina como a matéria inorgânica é matemática, por exemplo, na filotaxia e nos padrões de ligação em rede dos minerais.

¹¹¹ *Quantum anthropologies*, x.

¹¹² NAIL, *Lucretius I*.

ter cuidadosamente evitado qualquer variante, versão ou tradução da palavra “átomo”. Na verdade, com base em nossa discussão anterior, podemos entender por que Lucrecio *poderia* não ser um atomista e também esposar uma visão totalmente performativa e relacional da matéria. Em um trabalho em andamento, Chris Gamble defende também uma nova leitura materialista performativa dos épicos homéricos.¹¹³ Um objetivo fundamental desse último trabalho, ademais, é buscar as implicações do novo materialismo performativo como um meio de iluminar conexões importantes com o próprio passado oral indígena da história ocidental, facilitando e encorajando, assim, um maior envolvimento com ontologias indígenas no presente também.¹¹⁴

4. O futuro do novo materialismo

Na quarta e última parte deste artigo, gostaríamos de propor três teses ou critérios gerais, extraídos de pensadores históricos e contemporâneos do materialismo performativo, que julgamos serem centrais para o desenvolvimento futuro de uma nova filosofia materialista performativa: *pedesis*, processo contínuo e relação. Não basta apenas dizer que tudo é matéria. Isso equivale a dizer tudo o que é, é.¹¹⁵ Para nós, “*não há nada a não ser a matéria*”,¹¹⁶ mas, ao contrário dos antigos materialismos, essa não é uma afirmação reducionista, porque a matéria não é uma substância à qual tudo pode ser reduzido. Matéria, para nós, é uma performance ou processo em

movimento fundamentalmente indeterminado. Podemos colocar esses três critérios na forma de três teses emaranhadas sobre o materialismo performativo:

- (1) A própria atividade da matéria deve ser *pedética* ou caracterizada pela *indeterminação*, caso contrário, o novo materialismo voltará a atribuir a atividade da matéria a *alguma outra coisa*, como formas, leis naturais determinísticas ou probabilísticas, forças ou Deus.
- (2) A matéria deve ser um processo *iterativo contínuo*, ou então o novo materialismo recairá em uma ontologia baseada na substância ou correrá o risco de reduzir a matéria a outra coisa como racionalismo ou formalismo.
- (3) A matéria deve ser totalmente *relacional* e imanentemente auto-causada. A matéria não é o efeito meramente passivo de Deus, da natureza ou dos humanos. Entretanto, a matéria também não é um agente meramente ativo. As relações materiais são sempre assimétricas (ativas e receptivas ao mesmo tempo) – não “planas”.

Juntas, acreditamos que essas três teses delineiam os *insights* centrais do materialismo performativo. Para concluir, vamos desenvolver brevemente cada uma.

¹¹³ GAMBLE, Christopher N. (mestrado em andamento).

¹¹⁴ Para um ensaio recente e convincente encorajando tal engajamento, especificamente com base em afinidades importantes entre o realismo agencial de Barad e as “ontologias do agente” de muitas culturas indígenas, cf. ROSIEK; SNYDER; PRATT, *New materialisms and Indigenous theories*.

¹¹⁵ Como afirma Salansk, (*Some figures of matter*, p. 5) “a afirmação ‘o que existe é matéria’ significa não mais do que ‘o que existe, existe’”.

¹¹⁶ SALANSK, p. 5.

Pedesis

O primeiro critério para uma filosofia do novo materialismo performativo é que a matéria seja pedética.

Pedesis (da raiz de PIE *ped-, que significa “pé”) é o movimento do autotransporte semiautônomo: o movimento do pé para andar, correr, pular, dançar um tanto imprevisivelmente. Em contraste com as teorias de movimento determinísticas, probabilísticas ou aleatórias, a pedesis está direta e iterativamente relacionada ao seu passado imediato, mas não é determinada por ele.

Pedesis, portanto, é um movimento irregular e parcialmente imprevisível, mas não é aleatório nem probabilístico.¹¹⁷ Como movimento pedético, a matéria não apenas gera formações metaestáveis mas, crucialmente, essas formações também geram novas possibilidades para formações subsequentes. Em contraste, embora a aleatoriedade e a probabilidade sejam pelo menos parcialmente imprevisíveis, elas não são geradoras. A aleatoriedade, como discutimos, é definida em relação a uma gama predeterminada e fixa de possibilidades discretas e igualmente prováveis. Por meio de suas interações, um número infinito de entidades que se movem aleatoriamente (como os átomos de Demócrito) podem realizar resultados infinitos ou mesmo mundos dentro dessa gama finita de possibilidades. Ao longo das iterações, certas combinações desses resultados aleatórios podem ocorrer com mais ou menos frequência e, portanto, refletir uma probabilidade maior ou

menor do que outras, da mesma forma que jogar dois dados de seis lados repetidamente produzirá mais setes do que dois. No entanto, como as características intrínsecas de entidades que se movem aleatoriamente, como dados ou átomos democritianos, não mudam com as interações, a gama completa de possibilidades que podem ser realizadas nunca muda. Esse intervalo, em resumo, permanece um limite absoluto e imutável, porque a matéria aleatória não é uma matéria performativa. Na verdade, a própria ideia de um movimento puramente aleatório pressupõe que ele não foi afetado por ou relacionado a qualquer outra coisa anteriormente, o que, por si só, pressupõe que foi a primeira coisa e antes não era nada, o que é uma versão da hipótese internamente contraditória da criação *ex nihilo*: algo do nada.

Ao contrário do movimento aleatório ou probabilístico, o movimento pedético é totalmente relacional e, portanto, também performativo e gerador. Enquanto os dois primeiros são imprevisíveis na medida em que cada entidade permanece essencialmente inalterada por suas interações, a imprevisibilidade do movimento pedético se deve precisamente a essa mudança relacional. É a ação ou influência mútua da matéria consigo mesma que lhe confere seu caráter imprevisível. Por meio de seus processos contínuos, os movimentos pedéticos da matéria se combinam e se estabilizam em padrões, sincronizações e relações relativamente fixas, dando a aparência de estabilidade e solidez, apenas para se

¹¹⁷ O argumento que estamos expondo aqui é o de que aleatoriedade, determinismo e probabilidade são todos essencialmente parte de uma única estrutura matemática e estatística que dominou a metafísica ocidental e que invariavelmente retrata a matéria como inerentemente passiva e não geradora. Em um artigo em andamento, Christopher N. Gamble expõe detalhadamente como o novo materialismo performativo implica em uma crítica indiscriminada de tal estrutura e o que tal crítica acarreta.

tornar turbulentos novamente e entrar em novas relações conjuntas. É assim que a indeterminação é cada vez mais determinada.¹¹⁸ Em outras palavras, a pedesis não é aleatória, determinada, nem probabilística, *mas generativamente indeterminada*.¹¹⁹ A matéria é, portanto, ativa e receptiva apenas se seu movimento for pedético ou relacionalmente improvisado. Caso contrário, seu ser e movimento poderiam ser explicados por outra coisa.

Processo iterativo contínuo

O segundo critério é que a matéria é performativa *se, e somente se*, a matéria for entendida como um processo iterativo, contínuo e indeterminado.¹²⁰ Se a matéria nada mais é do que o que faz ou como se move, e se seus movimentos – desde a escalas espaço-temporais menores às maiores – nunca são finalmente ou totalmente completos, então a única característica essencial da matéria é sua infindável reinvenção pedética.

Certamente, então, o caráter fundamental da matéria performativa pedética não pode ser determinado e capturado pelas leis naturais imutáveis e eternas de materialismos mais velhos. Mas também não pode tal matéria ser animada por uma força vital imutável – e, portanto, *não* performativa. Por mais criativa que tal força possa ser, essa criatividade sempre será previamente limitada por aquilo que essencialmente a define: vida, agência, vitalidade. Os movimentos pedéticos da matéria

performativa, ao contrário, (re)articulam incessantemente seus próprios limites e fronteiras, sem nunca fixar ou padronizar permanentemente o sentido daquilo que recai sobre cada lado. No entanto, embora nenhuma fronteira ou limite seja absoluto, isso não leva a um mundo de contingência radical ou capricho como o hipercaos de Meillassoux. Rochas espaciais flutuantes não podem criar asas ou pernas para vaguear pela biosfera de um planeta particular relativamente limitado; no entanto, dadas iterações pedéticas suficientes, essas rochas podem ajudar a criar tal biosfera e, de fato, eventualmente se tornar aquelas criaturas com asas e pernas.

Tal devir transformador é possível, no entanto, apenas com a condição de que, embora cada iteração “individual” seja um tanto nova e única, nenhuma seja completamente determinada ou separável de qualquer outra. Mesmo as performances sempre parcialmente únicas e imprevisíveis do menor elétron “sozinho”, portanto, servem para reconfigurar o todo aberto “inteiro” do cosmos novamente. Em suma, a matéria performativa sempre permanece radicalmente emaranhada e, portanto, também sempre parcialmente indeterminada e improvisada.

Além disso, como um processo inerentemente indeterminado e sem finalidade, não pode haver nenhuma substância subjacente que unifique toda a realidade material como um todo contínuo. Nem pode a matéria criar ou

¹¹⁸ Essa é uma questão importante que não pode ser totalmente respondida aqui. Para uma teoria mais detalhada de como fluxos indeterminados de matéria se tornam processos metaestáveis, consultar NAIL, *Being and motion*, pp. 55-123. Para a discussão congruente de Barad sobre como a indeterminação é (relativamente) resolvida, consultar BARAD, *Meeting the universe*, capítulos 3, 4, 7, e pp. 342-350.

¹¹⁹ Lucretius, *De rerum natura*, pp. 2114-21128; BARAD, *Meeting the universe*, p. 114.

¹²⁰ Uma teoria completa do movimento indeterminado e iterativo não pode ser totalmente desenvolvida aqui. Para uma teoria mais detalhada, cf. NAIL, *Being and motion*, pp. 55-123. Para a explicação de Barad sobre a “performatividade pós-humanista”, consultar *Meeting the universe*, capítulo 4; cf. também pp. 310-317.

trazer à existência algo que esteve em algum momento absolutamente ausente. A matéria performativa, portanto, não é uma substância contínua nem descontínua *nem um processo descontínuo*.¹²¹

Se a matéria fosse uma substância radicalmente contínua, seria uma totalidade homogênea. A matéria seria o Um – uma unidade finita ou infinita – sem a possibilidade de mudança ou movimento fora de si mesma, uma vez que não haveria fora dela. Nesse caso, todo movimento, como Zenão e Parmênides uma vez argumentaram, seria uma ilusão. Porém, se a matéria fosse Um ser total que contivesse todos os seres, o ser que contivesse todos os seres teria que ser diferente dos seres contidos por ele. O ser material seria, portanto, separado de si mesmo, ou seja, não total. Assim, alcançamos o paradoxo do Um que Gödel e outros descobriram há muito tempo:¹²² que o Um não pode ser incluído naquilo que ele contém. O *continuum* substancial sem movimento, portanto, resulta em uma concepção paradoxal de totalidade que não pode se incluir em sua própria totalidade.

Por outro lado, se os movimentos da matéria fossem substâncias ou processos *radicalmente descontínuos*, eles precisariam começar e terminar

radicalmente e, assim, paradoxalmente, não haveria movimento algum. A rigor, um “movimento radicalmente descontínuo” não é, de forma alguma, um movimento. Por exemplo, para uma entidade movendo-se do ponto A ao ponto B por meio de uma sucessão de saltos radicalmente descontínuos, a distância espaço-temporal entre cada salto seria dividida por uma infinidade de pontos intermediários, eles próprios divididos por uma infinidade de pontos intermediários, e assim por diante infinitamente. Além disso, se permanecesse a mesma entidade em cada novo salto, então essa entidade claramente não seria performativamente constituída. Em vez disso, poderíamos simplesmente dizer que uma entidade radicalmente discreta e abstrata passou por uma série de mudanças em sua localização ao longo de sua rota de A para B. Cada mudança na localização, então, não constituiria aspectos diferentes do mesmo movimento, mas pontos radicalmente diferentes sem qualquer movimento entre eles. O movimento radicalmente descontínuo, portanto, não é movimento, mas apenas uma *mudança* descontínua, formal ou lógica.¹²³

¹²¹ Endossamos totalmente como entendemos o uso que Barad faz do termo “dis/contínuo quântico”, em que a barra quebrando a primeira palavra performativamente invoca a noção de que a matéria não é “nem totalmente descontínua com continuidade, nem mesmo totalmente contínua com descontinuidade, e, em qualquer caso, certamente não uma consigo mesma” (BARAD, *Quantum entanglements and hauntological relations of inheritance*). No entanto, não adotamos esse termo devido à preocupação de pelo menos um de nós de que a barra possa ser mal interpretada como invocando um tipo de lógica inclusiva como aquela adotada pelo processo “contínuo” de atualizações totalmente descontínuas de Whitehead, cada qual é marcada pela “evaporação de toda indeterminação”, ao invés da lógica nem/nem da indeterminação performativa (WHITEHEAD apud EPPERSON, *Quantum Mechanics*, p. 135).

¹²² Cf. GÖDEL, *On formally undecidable propositions of principia mathematica and related systems*.

¹²³ Geach usou essa frase para descrever as teorias de mudança formal de Russell e McTaggart. GEACH, *God and the soul*, pp. 71-72. Cf. também a teoria da mudança de Alfred North Whitehead em WHITEHEAD, *Concept of nature*, p. 73. De acordo com Whitehead, mudança é apenas “a diferença entre ocasiões atuais compreendidas em algum acontecimento determinado” e, portanto, é “impossível atribuir ‘mudança’ a qualquer entidade atual”. Mudança e movimento, portanto, se relacionam a uma sucessão de entidades atuais e se constituem apenas pelas diferenças entre elas. Cada entidade é simplesmente “o que é” e o que se torna com todo o seu conjunto de relações com outras entidades inerentes a ela e, portanto, não pode *mudar* ou *se mover*.

Relação

O terceiro critério é que a matéria deve ser totalmente *relacional* e imanentemente causada por si mesma, caso contrário, ela permanece o objeto meramente passivo de outra agência imaterial, como Deus, a natureza ou as estruturas antrópicas. Isso tem consequências diretas para a prática filosófica do novo materialismo. Tanto o novo materialismo vital quanto o novo materialismo negativo postulam algo fora da relacionalidade (seja uma força vital, essências retiradas ou criação *ex nihilo*). Consequentemente, eles tratam o materialismo como um tipo estritamente ontológico de investigação sobre a natureza da matéria *como tal*. No entanto, se não há nada além de matéria performativa e cinética, então a própria investigação da ontologia deve sempre equivaler a uma prática material particular da matéria se observando, excluindo-se e, portanto, constituindo-se de novo.

Além disso, as relações são sempre assimétricas (temporalmente, espacialmente, politicamente e assim por diante) – *não planas*. Em contraste com o vitalismo, que nivela todas as relações em forças subjetivas generalizadas, e do OOO que elimina completamente todas as relações ao privilegiar as essências retiradas de objetos particulares, a abordagem performativa atende à assimetria – e, portanto, também à especificidade – de relações materiais particulares.¹²⁴

A ontologia não é meramente um construtivismo antrópico ou materialismo falho em que “o real” da matéria sempre

recua. Em vez disso, a matéria e as práticas ontológicas são realmente co-construídas e emaranhadas nos movimentos intermináveis de suas performances.

A investigação primária do novo materialismo, portanto, deve ser ontológica, mas não fundacional; ou seja, deve ser *historicamente relacional*.¹²⁵ Em outras palavras, não visa identificar a estrutura absoluta ou imutável do ser para todo o sempre (ser enquanto ser). Em vez disso, procura identificar, dada uma emergência histórica particular da qual nós mesmos somos uma parte integral e totalmente material, as condições reais dessa emergência.

Queremos ser absolutamente claros, entretanto: essa é uma noção de história na qual os humanos, quando estão envolvidos, estão lendo e escrevendo como performances particulares da leitura e (re)escrita da própria matéria. Para nós, o novo materialismo performativo é, portanto, uma *ontologia* estritamente histórica e *regional* da própria *prática ontológica*, limitada pelo presente, mas não redutível a ele – sem qualquer reivindicação ontológica sobre o possível ser do futuro. O materialismo performativo não é metafísica. Seguindo a leitura regressiva da história de Marx, podemos dizer que é precisamente o aparecimento de um maior emaranhamento material no Antropoceno que torna possível para nós essa nova ontologia histórica de uma matéria em movimento e emaranhada.¹²⁶

¹²⁴ Esse ponto requer mais espaço e vários exemplos. Cf. NAIL, *The figure of the migrant*.

¹²⁵ CHOAT, *Science, agency and ontology*.

¹²⁶ Os autores deste artigo estão desenvolvendo trabalhos na perspectiva do novo materialismo, em várias direções, seguindo esses três critérios. Cf. NAIL, *Being and Motion*; GAMBLE (mestrado em andamento); HANAN, *Rhetorical Economies of Power* (mestrado em andamento).

Referências

- BARAD, Karen. Performatividade pós-AHMED, Sara. Open forum imaginary prohibitions: some preliminary remarks on the founding gestures of the “new materialism”. *European Journal of Women's Studies*, v. 15, n. 1, pp. 23-39, 2008.
- ALAIMO, Stacy et al. (Ed.). *Material feminisms*. Indiana: Indiana University, 2008.
- ANGELA, Willey. Engendering new materializations: feminism, nature, and the challenge to disciplinary proper objects. In: ELLENZWEIG, Sarah; ZAMMITO, John. *The new politics of materialism*. London: Routledge, pp. 131-153, 2017.
- BACON, Francis. *The works of Francis Bacon*. Ed. James Spedding. London: Green, 1857-74.
- BARAD, Karen. *Meeting the universe halfway: quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Durham: Duke University, 2007.
- BARAD, Karen. Quantum entanglements and hauntological relations of inheritance: dis/continuities, spacetime enfoldings, and justice-to-come. *Derrida today*, v. 3, n. 2, pp. 240-268, 2010.
- BARAD, Karen. Transmaterialities: trans*/matter/realities and queer political imaginings. *GLQ: a journal of lesbian and gay studies*, v. 21, n. 2-3, pp. 387-422, 2015.
- BENNET, Jane. *Vibrant matter: a political ecology of things*. Durham: Duke UP, 2010.
- BENNETT, Jane et al. *New materialisms: ontology, agency, and politics*. Duke University, 2010.
- BRAUNMÜHL, Caroline. Beyond hierarchical oppositions: a feminist critique of Karen Barad's agential realism. *Feminist Theory*, v. 19, n. 2, pp. 223-240, 2018.
- BRUINING, Dennis. Interrogating the founding gestures of the new materialism. *Cultural Studies Review*, v. 22, n. 2, pp. 21-40, 2016.
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. London and New York: Routledge, 2011.
- CANGUILHEM, Georges. Aspects of vitalism. In: CANGUILHEM, Georges. *Knowledge of life*. New York: Fordham UP, 2008.
- CHEN, Mel Y. *Animacies: biopolitics, racial mattering, and queer affect*. Durham: Duke UP, 2012.
- CHOAT, Simon. Science, agency and ontology: a historical-materialist response to new materialism. *Political Studies*, v. 66, n. 4, pp. 1027-1042, 2018.
- CONTY, Arianne Françoise. The politics of nature: new materialist responses to the Anthropocene. *Theory, culture & society*, v. 35, n. 7-8, pp. 73-96, 2018.
- DAVIS, Noela. New materialism and feminism's anti-biologism: a response to Sara Ahmed. *European journal of Women's Studies*, v. 16, n. 1, pp. 67-80, 2009.
- DESCARTES, René. *Discourse on method*. Adam and Tannery edition of the Oeuvres de Descartes. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1976.
- DOLNICK, Edward. *The clockwork universe: Isaac Newton, Royal Society, and the birth of the modern world*. New York: Harper Collins, 2011.
- ELLENZWIG, Sarah; ZAMMITO, John H. *The politics of materialism*. London: Routledge, 2017.
- EPPERSON, Michael. *Quantum mechanics and the philosophy of Alfred North*

- Whitehead. New York: Fordham University, 2004.
- GAMBLE, Christopher N.; HANAN, Joshua S. Figures of entanglement: special issue introduction. *Review of Communication*. v. 16, n. 4. pp. 265-280, 2016.
- GARAU, Rodolfo. Late-scholastic and Cartesian conatus. *Intellectual History Review*, v. 24, n. 4, pp. 479-494, 2014.
- GEACH, Peter. *God and the soul*. New York: Schocken, 1969.
- GLEICK, James. *Chaos: the making of a new science*. New York: Viking Penguin, 1987.
- GÖDEL, Kurt. *On formally undecidable propositions of principia mathematica and related systems*. New York: Basic, 1962.
- GRAHAM, Daniel W. *Explaining the cosmos: the ionian tradition of scientific philosophy*. Princeton: Princeton University, 2009.
- GROSZ, Elizabeth. *The incorporeal: ontology, ethics, and the limits of materialism*. New York: Columbia UP, 2017.
- HANDS, Joss. From cultural to new materialism and back: the enduring legacy of Raymond Williams. *Culture, theory and critique*, v. 56, n. 2, pp. 133-148, 2015.
- HARMAN, Graham. *Tool-being: Heidegger and the metaphysics of objects*. New York: Open Court, 2011.
- HAYLES, N. Katherine. *Unthought: the power of the cognitive nonconscious*. Chicago: University of Chicago, 2017.
- HINCHLIFFE, Steve. Vibrant matter: a political ecology of things. *Dialogues in Human Geography*, v. 1, n. 3, p. 35, 2011.
- HOBBS, Thomas. De corpore. In: HOBBS, Thomas. *English Works*. [s. l.]: [s. e.], p. 109, 1845.
- KIRBY, Vicki (Ed.). *What if culture was nature all along?* Edinburgh: Edinburgh University, 2017.
- KIRBY, Vicki. *Judith Butler: live theory*. London: Continuum, 2006.
- KIRBY, Vicki. *Quantum anthropologies*. Durham: Duke University, 2013.
- KIRBY, Vicki. *Telling flesh: the substance of the corporeal*. New York: Routledge, 1997
- LACAN, Jacques. Rings of string. In: LACAN, Jacques. *Feminine sexuality*. Trad. Bruce Fink. New York: Norton, 1978
- LACAN, Jacques. The mirror stage as formative of the function of the I as revealed in psychoanalytic experience. In: *Reading French Psychoanalysis*. London: Routledge, 2014.
- LACAN, Jacques. *The seminar of Jacques Lacan: the four fundamental concepts of psychoanalysis*. Book XI. New York: WW Norton & Company, 1997.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. Specimen dynamicum. In: *Philosophical papers and letters*. [s. l.]: Springer, Dordrecht, pp. 435-452, 1989.
- LEMKE, Thomas. An alternative model of politics? Prospects and problems of Jane Bennett's vital materialism. *Theory, Culture & Society*, v. 35, n. 6, pp. 31-54, 2018.
- LEMKE, Thomas. Materialism without matter: the recurrence of subjectivism in object-oriented ontology. *Distinktion: Journal of Social Theory*, v. 18, n. 2, pp. 133-152, 2017.
- LUNDBERG, Christian O. On missed encounters: Lacan and the materiality of rhetoric. In: *Rhetoric, materiality, & politics*. Eds. Barbara Biesecker and John Louis Lucaites. New York: Peter Lang, pp. 161-83, 1989.

- MANNING, Erin. *Relationscapes: movement, art, philosophy*. Cambridge: MIT, 2012.
- MEILLASSOUX, Quentin. *After finitude: an essay on the necessity of contingency*. V. 5. Trad. Ray Brassier. London: Continuum, 2008.
- MEILLASSOUX, Quentin. *Iteration, reiteration, repetition: a speculative analysis of the meaningless sign*. Trad. Robin Mackay. Berlin: Freie Universität, 2012.
- MEILLASSOUX, Quentin. The immanence of the world beyond. In: CANDLER, Peter; CUNNINGHAM, Conor. *The grandeur of reason: religion, tradition and universalism*. London: SCM, 2009.
- MORTON, Timothy. Here comes everything: the promise of object-oriented ontology. *Qui Parle: Critical Humanities and Social Sciences*, v. 19, n. 2, pp. 163-190, 2011.
- MORTON, Timothy. *Hyperobjects: philosophy and ecology after the end of the world*. Minneapolis: University of Minnesota, 2013.
- MORTON, Timothy. *The ecological thought*. Cambridge: Harvard University, 2010.
- NAIL, Thomas. *Being and motion*. Oxford: Oxford University, 2018.
- NAIL, Thomas. *Lucretius I: an ontology of motion*. Edinburgh: Edinburgh University, 2018.
- NAIL, Thomas. *Lucretius II: an ethics of motion*. Edinburgh: Edinburgh University, 2020.
- NAIL, Thomas. *The figure of the migrant*. Stanford: Stanford UP, 2015.
- ROSIEK, Jerry Lee; SNYDER, Jimmy; PRATT, Scott L. The new materialisms and Indigenous theories of non-human agency: making the case for respectful anti-colonial engagement. *Qualitative Inquiry*, v. 26, n. 3-4, pp. 331-346, 2020.
- SALANSKIS, Jean-Michel. Some figures of matter: what is materialism? *Pli*, v. 12, pp. 5-13, 2001.
- SEDLEY, David. Epicurus' refutation of determinism. In: *SUZHTHSIS: Studi Sull epicureismo greco e romano offerti a Marcello Gigante*. Napoli: Biblioteca della Parola del Passato, 1983.
- SEDLEY, David. Two conceptions of vacuum. *Phronesis*, [s. v.], pp. 175-193, 1982.
- SULLIVAN, Nikki. The somatechnics of bodily inscription: tattooing. *Studies in Gender and Sexuality*, v. 10, n. 3, pp. 129-141, 2009.
- TAYLOR, Carol A. Close encounters of a critical kind: a diffractive musing in/between new material feminism and object-oriented ontology. *Cultural Studies? Critical Methodologies*, v. 16, n. 2, pp. 201-212, 2016.
- TUIN, Iris van der; DOLPHIJN, Rick. Ed. *New materialism: interviews & cartographies*. Ann Arbor: Open Humanities, 2012.
- TUIN, Iris van der. Deflationary logic: response to Sara Ahmed's imaginary prohibitions: some preliminary remarks on the founding gestures of the "new materialism". *European Journal of Women's Studies*, v. 15, n. 4, pp. 411-416, 2008.
- WEHELIVE, Alexander G. *Habeas viscus: racializing assemblages, biopolitics, and black feminist theories of the human*. Durham: Duke UP, 2014.
- WHITEHEAD, Alfred North. *Concept of nature*. Cambridge: Cambridge UP, 1978.
- WILLEY, Angela. *Biopossibility: a queer feminist materialist science studies manifesto, with special reference to the*

question of monogamous behavior. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 41, n. 3, pp. 553-577, 2016.

WILSON, Elizabeth A. *Gut feminism*. Durham: Duke University, 2015.

WOLFE, Charles T. Varieties of vital materialism. In: ELLENZWEIG. Sarah;

ZAMMITO, John. *The new politics of materialism*. Routledge, pp. 44-65, 2017.

Recebido em 29 de setembro de 2021

Aceito em 14 de novembro de 2021